

**FACULDADE CÁSPER LÍBERO
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO**

Redes e ruas: a cobertura dos protestos de 2013

ANDRÉ BONTEMPO GARCIA LIMA

São Paulo
2015

ANDRÉ BONTEMPO GARCIA LIMA

Redes e ruas: a cobertura dos protestos de 2013

Dissertação de Mestrado
apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Comunicação da
Faculdade Cásper Líbero, como
requisito parcial à obtenção do título
de mestre em Comunicação.
Orientador: Prof. Dr. José Eugenio
de Oliveira Menezes

São Paulo
2015

Bontempo Garcia Lima, André

Redes e ruas: a cobertura dos protestos de junho de 2013 / André Bontempo Garcia Lima. – São Paulo, 2015.

72 f. : il. ; 30 cm.

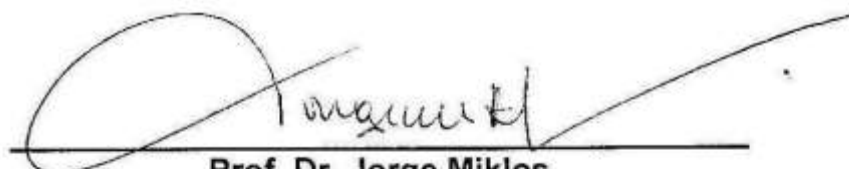
Orientador: Prof. Dr. José Eugenio de Oliveira Menezes

Dissertação (mestrado) – Faculdade Cásper Líbero, Programa de Mestrado em Comunicação

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Autor: ANDRÉ BONTEMPO GARCIA LIMA

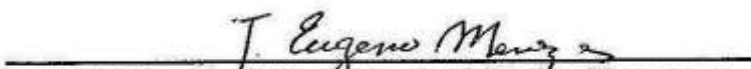
“REDES E RUAS: A COBERTURA DOS PROTESTOS DE 2013”



**Prof. Dr. Jorge Miklos
Universidade Paulista - UNIP**



**Prof. Dr. Marcelo Santos de Moraes
Faculdade Cásper Líbero - FCL**



**Prof. Dr. José Eugênio de Oliveira Menezes
Faculdade Cásper Líbero - FCL**

Data da Defesa: 25 de setembro de 2015

Aos meus pais, familiares e amigos. Também a todos os demais que contribuíram direta ou indiretamente com este projeto

Agradecimentos

Esta pesquisa deve-se a contribuição de muitos. Em especial:

- meus pais e familiares, pelas recorrentes conversas e perguntas de “em que pé está o mestrado?”;
- o ilustre orientador José Eugenio de Oliveira Menezes por toda sua participação;
- os professores Jorge Miklos e Marcelo Santos, ambos componentes da minha banca de dissertação.
- todos os professores do programa de Mestrado da Cásper Líbero.
- os prestativos secretários da pós-graduação da faculdade Cásper Líbero;
- os amigos e suas visões fora do ambiente acadêmico e importantes para maior abrangência de ideias.
- a sempre incentivadora professora doutora Flamínia Lodovici, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- o ex-professor do programa de mestrado da Cásper Líbero, Edilson Cazeloto, neste momento cuidando de suas hortaliças em Piracaia.

Se a liberdade significa alguma coisa, será, sobretudo, o direito de dizer às outras pessoas o que elas não querem ouvir.

George Orwell

Lista de abreviaturas e siglas

CNPJ	<i>Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica</i>
GCM	<i>Guarda Civil Metropolitana</i>
IBGE	<i>Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística</i>
MPL	<i>Movimento Passe Livre</i>
NINJA	<i>Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação</i>
ONG	<i>Organização Não Governamental</i>
PCB	<i>Partido Comunista Brasileiro</i>
PCO	<i>Partido da Causa Operária</i>
PEC	<i>Proposta de Emenda à Constituição</i>
PSDB	<i>Partido da Social Democracia Brasileira</i>
PSOL	<i>Partido Socialismo e Liberdade</i>
PSTU	<i>Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado</i>
PT	<i>Partido dos Trabalhadores</i>
STF	<i>Supremo Tribunal Federal</i>

BONTEMPO LIMA, André. **Redes e ruas: a cobertura dos protestos de junho de 2013**. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2015. 72 f.

Resumo

O presente trabalho registra algumas dinâmicas de coletivos de cidadãos que, nas Manifestações de Junho de 2013, atuaram tanto na comunicação presencial, nas ruas, como na comunicação no contexto das redes sociais digitais conectadas. Destaca o período conhecido como *Jornadas de Junho* por alguns pesquisadores das grandes manifestações de 2013 e mostra o contraponto entre a abordagem jornalística do portal de notícias G1 com relação ao papel semelhante desempenhado nas redes sociais conectadas pelo Mídia Ninja, vinculado ao coletivo Fora do Eixo. Analisa, a partir de pesquisa bibliográfica e observações empíricas, o trabalho informativo realizado pelo grupo Mídia Ninja por meio da rede social digital Facebook nas duas semanas iniciais dos protestos que marcaram o mês de junho de 2013. Constata que os integrantes do Mídia Ninja utilizaram, ao menos em parte, o formato de discurso jornalístico (na qual serão utilizadas perspectivas do professor Nelson Traquina para melhor entendimento sobre o que é jornalismo) e, por isso, exerceram a função de jornalismo alternativo, paralelo ao jornalismo hegemônico praticado pelos meios dos conglomerados de comunicação brasileiros. Os artigos produzidos a respeito do tema pelos pesquisadores Cícilia Peruzzo e Venício Lima; o estudo das relações entre a comunicação presencial e a comunicação por aparatos, de Vilém Flusser; o contexto da sociedade de protesto abordado por Harry Pross e a Ecologia da Comunicação de Vicente Romano constituem os aportes teóricos da pesquisa desenvolvida. A dissertação aponta, finalmente, que apesar das limitações impostas pelo próprio macrossistema das tradicionais corporações de comunicação brasileiras, as redes sociais, como o Facebook, podem ser apropriadas, como na experiência do grupo Mídia Ninja, como importantes plataformas de atuação das denominadas mídias alternativas.

Palavras-chave: Processos Comunicativos. G1. Mídia Ninja. Manifestações. Facebook. Ecologia da Comunicação.

BONTEMPO LIMA, André. **Networks and streets: the coverage of the protests of June 2013**. 2015. Thesis (Masters in Communication). Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, 2015. 72 f.

Abstract

The present work registers some dynamics of collectives of citizens who, in the demonstrations of June 2013, acted both in classroom communication, in the streets, as well as communication in the context of social networks connected. Highlights the period known as *Journeys of June* by some researchers of large demonstrations of 2013 and shows the counterpoint between the approaches of journalistic news portal G1 with respect to the similar role played in social networks connected by Mídia Ninja, bound to the collective Fora do Eixo. Analyzes, from bibliographic research and empirical observation, the informative work carried out by the group Mídia Nínja through the digital social network Facebook within two weeks of initial protests that marked the month of June 2013. Notes that the members of the Mídia Ninja used, at least in part, the format of journalistic discourse (in which will be used prospects of Professor Nelson Traquina for better understanding about what is journalism) and, therefore, exercised the function of journalism alternative, parallel to hegemonic journalism practiced by the media conglomerates of Brazilian communication. The articles produced on the subject by researchers Cicília Peruzzo and Venício Lima; the study of the relationship between the communication face-to-face and by communication apparatuses, Vilém Flusser; the context of society of protest addressed by Harry Pross and the Ecology of Communication of Vicente Romano constitute the theoretical contributions of the research developed. The dissertation points out, finally, that in spite of the limitations imposed by the macrosystem of traditional corporations of Brazilian communication, social networks such as Facebook, may be appropriate, as in the experience of Mídia Ninja group, as important platforms for actuation of the so-called alternative media.

Keywords: Communicative Processes. G1. Mídia Ninja. Protests. Facebook. Ecology of Communication.

Sumário

Introdução	10
1. As Jornadas de Junho de 2013	15
1.1 O MPL	17
1.2 Um país onde as angústias explodiram	19
1.3 As consequências	21
1.4 O desfecho	23
2. As abordagens do G1 e do Mídia Ninja	26
2.1 Com a palavra, Arnaldo Jabor	29
2.2 Mudança de lado?	30
2.3 Ninjas fora do eixo	34
2.4 Voltando aos eixos	35
3. O paralelo das 2 abordagens	37
3.1 Mudança de paradigmas	38
3.2 Apropriação criativa	39
3.3 Mídia Ninja X G1	41
4. Vilém Flusser e um estudo das Manifestações de 2013	45
4.1 Redes sociais	46
4.2 Escalada da Abstração	47
4.3 As manifestações na perspectiva da Escalada da Abstração.....	49
4.4 Algo está mudando	52
Considerações finais	55
Referências	60
Anexos	64

Introdução

“O gigante acordou!” lia-se em diversos cartazes espalhados nas ruas ou em publicações feitas nas redes sociais da internet. Talvez o “povo” não estivesse dormindo, mas concentrava sua indignação com os problemas políticos do país em outros pontos. Manifestações sempre existiram e estão presentes no nosso cotidiano; o que mais chamou a atenção foi a grande aderência aos protestos em junho de 2013 se comparados com tantos outros nos últimos 10 anos. A população provavelmente não estava dormindo, mas muitos se encontravam de forma prostrada compartilhando e curtindo frases alheias com algum pé naquilo que viria a desencadear entre maio e julho de 2013.

O presente trabalho busca fazer um levantamento da apropriação dos meios de comunicação digitais (as redes sociais conectadas, em especial o Facebook) por grupos ativistas que ficaram mais conhecidos durante o processo de organização e participação nas manifestações populares de junho de 2013 ocorridas em diversas localidades do Brasil. A apropriação também permitiu relativa fuga das abordagens mais reguladas e com filtros editoriais dos grandes jornais e portais de notícias da internet.

O tema suscitou interesse devido ao momento pelo qual o país passava: período pré-eleitoral, pré-Copa, crise internacional, segmentos da população bastante descontentes com os rumos da política e o descaso dos governantes quanto aos direitos sociais mais básicos. A pré-pesquisa começou de forma bastante empírica ao observar em diversos portais de notícia na web como eram tratados os manifestantes. Os principais acessos meus e de outros colegas eram feitos basicamente pelo G1, ligado a empresa Globo, e páginas do Facebook, rede social digital desenvolvida por uma equipe coordenada por Mark Zuckerberg. Observando aquela situação razoavelmente dicotômica surgiu o interesse em trabalhar este tema em uma pesquisa de mestrado.

Não será relevante, a priori, discernir sobre atitudes grupais ou particulares dos diversos sujeitos envolvidos nessa gama de posicionamentos políticos. Sociólogos e estatísticos possivelmente se perderiam até mesmo nos dias de hoje se tentassem catalogar os sentimentos de mudança (ou não) presentes nas vozes das ruas deste determinado período. E tal caráter dificultoso também não é o objetivo proposto, mas sim enxergarmos a diferença entre o agir de um portal de notícias e um grupo que usou as redes sociais conectadas. Ambos de uma forma ou de outra presentes durante as passeatas de junho de 2013.

A abrangência também deverá ter sua limitação mais focada em determinado período de “agitações” e nas fronteiras da maior metrópole brasileira, a cidade de São

Paulo. É evidente que o país não se resume na capital paulista, mas a região foi um dos polos de concentração e efervescência política na época, assim como Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Goiânia, entre outros municípios.

A chamada massa (será preferível o emprego do termo multidão, vide o caráter manipulador que “massa” pode representar e de forma equivocada para definirmos aqueles que estiveram agrupados no momento de protestos) ocupou o espaço físico, as ruas e praças, e o ambiente digital (as redes sociais e os portais de notícias acessados através de computadores, tablets e smartphones) causando um fenômeno retroalimentado que permitiu a abrangência de quantidade incerta de segmentos sociais e pontos de vista normalmente diversos (e até mesmo excludentes entre eles) terem acesso aos ocorridos deste fenômeno temporal.

Pretende-se aqui elaborar um histórico das manifestações em determinados períodos mais relevantes durante o junho de 2013. Apresentaremos o fenômeno para, posteriormente, darmos início ao debate sobre a postura de determinadas correntes com relação ao momento e de que maneira a utilização da ferramenta digital Facebook permitiu certa “liberdade” e maior capacidade de divulgar notícias sobre as passeatas, a indignação social e a repressão policial por diversas vezes desmedida.

Na sequência levantaremos alguns posicionamentos por parte do que vamos considerar aqui como exemplo de imprensa hegemônica, de caráter político conservador, embora apresente discurso aparentemente progressista, e atrelada aos interesses de grandes corporações e do capital financeiro. No caso: o portal de notícias G1 do grupo Globo. A escolha do objeto partiu de experiências próprias e paralelas, além do fato de estarmos analisando a interatividade via internet.

No outro “time”, a escolha também foi peneirada até conseguirmos definir o Mídia Ninja como um dos grupos mais influentes no momento, com grande aderência nas manifestações e se auto-intitulando mídia independente. Fora a suposta “independência” do grande capital, justamente por se considerarem um projeto autônomo, auto-organizado e sem fins lucrativos ou vínculos com empresas, este grupo ganhou destaque e teve determinada repercussão nas redes sociais como no caso do Facebook.

O uso da rede social digital Facebook apresentou uma possibilidade dos próprios agentes das manifestações divulgarem informações em linguagem similar à linguagem jornalística transmitindo uma visão dos fatos contrastante com o que era divulgado na grande mídia/imprensa.

O discurso “jornalístico” nas redes sociais digitais despertou certa apropriação por parte da imprensa que até certo ponto estava se colocando contrária aos rumos das manifestações, mas em questão de dias passou a adotar outros posicionamentos. Não alterou seu discurso contra a violência de alguns grupos durante o protesto (com exceção da força policial como “apaziguadora de conflitos”) ou a tão repetida até exaustão presença de “mascarados” e seguidores da tática Black Bloc. A tal tática de enfrentamento, surgida na Europa, é conhecida pela ação direta em manifestações depredando os símbolos do capitalismo e se colocando como fileira de resistência à repressão policial.

Imersos nessas estruturas complexas nossa capacidade de observar e estudar a comunicação de forma crítica e distanciada para melhor compreender as diferentes observações pode ser falível. Porém uma observação fenomenológica destas mesmas questões contribui para uma extrapolação de horizontes sem cultivarmos dogmas ou nos posicionarmos de maneira pedante em relação às demais opiniões divergentes.

Influenciado pelas leituras da perspectiva cultural na pesquisa em comunicação e dos estudos fenomenológicos, especialmente, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde tive a oportunidade de fazer o curso de jornalismo, e na Faculdade Cásper Líbero, haverá um encaminhamento ao longo deste projeto até o seu final que soará como um exemplo para a possibilidade de identificarmos uma Ecologia da Comunicação nos processos até então observados, em especial os que tangeram a linguagem das ruas no período de efervescência político-social do ano retrasado e a confluência dos aparatos digitais oferecendo novas molduras ao discurso de protesto.

Por Ecologia da Comunicação entende-se a metáfora da ecologia de meio ambiente e seres vivos em relação aos corpos biológicos e culturais dos seres humanos e nossas interferências no ambiente (ou vice-versa) permeando as capilaridades da comunicação. Como na natureza com sua organização estabelecida e influências externas e internas o ambiente comunicacional sofre alterações semelhantes com a nossa ação de sujeitos. O que muitos pensadores, em especial Vicente Romano, vão destacar, é a necessidade justamente de haver essa Ecologia da Comunicação no nosso meio cotidiano e possíveis transtornos gerados pela ausência da mesma.

Desejamos, então, traçar um caminho que nos ajuda a entender o contexto das manifestações de junho de 2013, passando pela forma como foram abordadas por segmentos jornalísticos distintos e a possibilidade de usar a ferramenta digital Facebook

como forma de produzir um discurso alternativo ao de alguns jornais nacionais de grande repercussão.

Adotaremos alguns pensadores fundamentais para dialogar com o tema de maneira abrangente, mas sem cair no discurso militante, muitas vezes marcado pela negação de outras formas de pensamento, ou que busque renegar outras formas de pensamento. A ideia do corpo comunicador, da sociologia do protesto e histórico de exemplos similares ficará por conta da nossa leitura do teórico e jornalista alemão Harry Pross. O autor discorre a respeito de importantes questionamentos sobre insatisfação e levantes populares, repercussão dos protestos e o exercício comunicacional dos corpos envolvidos. Será, então, abordada a questão da interatividade sociedade e comunicação, formando essa valsa de encontros e desencontros no decorrer do período analisado.

Na compreensão mais contemporânea do fenômeno, a leitura seguirá evidente influência de Cicilia Peruzzo e Venício Lima. Os recém citados autores são acadêmicos gabaritados e cujos ensaios sobre o período abordado trazem relevante contribuição para a discussão a respeito das relações entre mídia, sociedade e manifestações.

Outro autor será o filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser. Seu pensamento extrapola grande parte do imaginário da época em que elaborou suas principais obras dando-lhe certo caráter visionário de como a sociedade atual se comporta e virá a se comportar dentro de poucos anos ou décadas com o relacionamento cada vez mais dependente dos aparatos eletrônicos e da comunicação digital.

Vilém Flusser também é necessário no entendimento da nova face das manifestações (no caso brasileiro, em questão) mediada pelos meios de comunicação digitais, mas também com o campo físico do corpo tridimensional que ocupa ruas, ocupa espaços, emite ruídos e vez ou outra altera a paisagem cotidiana com suas danças, cores, gestos, sons e aromas. Dentro desta perspectiva contaremos com um capítulo dedicado à Escalada da Abstração e como este fenômeno tornou-se visível nas manifestações de junho de 2013.

No primeiro capítulo contextualizaremos as Manifestações de Junho de 2013. O segundo capítulo pretende mostrar as diferentes posições dos protagonistas observados (portal G1 e Mídia Ninja) sendo que no terceiro traçaremos um paralelo entre eles, apontando para o relativo sucesso da chamada mídia alternativa. No quarto capítulo analisaremos, em uma perspectiva de observação direta do fenômeno ou objeto de pesquisa, as mudanças nas formas como ocorreram os processos de comunicação durante as manifestações de 2013.

1. As Jornadas de Junho de 2013

A voz do povo é a voz de Deus, repetem personalidades do nosso cotidiano, principalmente ligados à política. Em uma sociedade majoritariamente cristã é comum se apregoar esse lema induzindo a razão absoluta que um protesto tem pelo simples fato de aglutinar críticas, indignações, gente, multidões. Essa voz ecoada deve ser respeitada como vontade de uma força maior, uma entidade, um ser divino e respeitado seja por caráter ou por medo de perder a posição de líder local. O povo, em protesto, faz valer sua decisão - pelo menos ela é ouvida pelas ruas do país – e chama seus conterrâneos a tomarem a mesma atitude. É exercida uma capacidade comunicacional entre indivíduos de forma que a união de muitos cria redes tecidas por meio das diferentes formas de interação (oral, presencial, através de aparatos tecnológicos ou mesmo, consideradas por muitos, arcaicas: correspondências por papel, por exemplo).

O Brasil há anos não via manifestações de grande porte como as ocorridas entre maio e julho de 2013, período turbulento da política nacional e das medidas impopulares como o aumento da tarifa nos transportes públicos, a Copa do Mundo, a PEC 37 (Proposta de Emenda à Constituição apresentada pelo deputado federal Lourival Mendes, do PT do B do Maranhão, que restringia as funções de investigação apenas aos órgãos de polícia, proibindo tal execução pelo Ministério Público) entre outras. Planejadas em maio, as manifestações contra o aumento da tarifa dos transportes tiveram como considerável meio difusor as postagens e compartilhamentos via Facebook (famosa e mais utilizada rede social do mundo, segundo dados da empresa Pyramid Research, e criada por, entre outros, Marck Zuckerberg) podendo transmitir com maior velocidade em grandes espaços os convites para organização dos diversos atos pelas cidades brasileiras.

As manifestações de junho de 2013, Outono Brasileiro (PERUZZO, 2013), Jornadas de Junho (VIANA, 2013) ou Junho Vermelho, para os “saudosos” das revoluções de caráter socialista do século 20, deram-se em um contexto de acirramento das contradições do sistema capitalista, em particular no Brasil, e descrença por grande parte da população em um possível resgate da crise pelas mãos dos políticos. Em certa medida, também revelou o descrédito na mídia tradicional e instituições ligadas ao poder público. Organizadas e anárquicas (PERUZZO, 2013) as passeatas de junho de 2013 também revelaram certa falência do modelo de poder representativo e a incapacidade de controlar as ruas.

Na redação da Sintonia Comunicação, empresa de pequeno porte da capital paulista que presta serviços terceirizados de jornalismo e marketing, já em clima de final de expediente, aguardávamos as primeiras notícias sobre aquele primeiro ato organizado pelo MPL (Movimento Passe Livre), no dia 6 de junho de 2013, contra o aumento da tarifa do transporte público em diversas cidades brasileiras – no caso da capital paulista, acréscimo de R\$ 0,20 elevando o preço para R\$ 3,20 – e a luta por um transporte de fato público (“gratuito”) sem intervenção e gerenciamento do setor privado, cujo interesse primordial, na crítica feita pelos militantes do MPL, está apenas em torno do lucro. E éramos ao todo: eu, editor geral da equipe durante o turno da noite, acompanhado por dois estagiários e dois editores de imagens, praticamente todos com seus computadores abertos na página do Facebook e do portal G1, aguardando cada nota sobre aquele momento do qual não poderíamos participar efetivamente junto com a população.

Embora tenham se estendido, mesmo que de forma fragmentada, até mais ou menos agosto de 2013, nos ateremos apenas aos primeiros 11 dias de grandes manifestações, passando pelos principais episódios ocorridos entre os dias 6 e 17 de junho de 2013. A delimitação passa, sim, por uma facilitação no acompanhamento do processo, afinal, o tema

é bastante abrangente e com interconexões difíceis de serem analisadas de modo sucinto, além de ser algo ainda efervescente, o que nos permite dizer que não temos a pretensão de dar conta do mesmo, mas tão somente levantar alguns aspectos e tecer aproximações sobre a questão da comunicação no contexto das grandes manifestações públicas que eclodiram no Brasil em junho de 2013 (PERUZZO, 2013)

Seguiremos, então, por este caminho para, inicialmente, darmos apenas algumas características do que foi esse importante momento histórico, sua repercussão e “conclusão” como fenômeno político, social e midiático.

1.1 O MPL

O Movimento Passe Livre surgiu em Salvador, em 2003 e se estabilizou como grupo político em Santa Catarina nos idos de 2004 durante protesto contra o aumento da tarifa dos transportes. Com maior influência no resto do Brasil durante as manifestações de 2011, foi o principal grupo a chamar e organizar as manifestações de 2013,

principalmente através do Facebook, entre outras redes sociais. Sua principal pauta é a descatracalização da vida e a tarifa zero nos meios de transporte públicos.

Entende-se por descatracalização da vida não somente no aspecto físico de não haverem mais catracas nos transportes públicos, mas que tal extinção se desse nas instituições de ensino, saúde, segurança e cultura. O objetivo também é romper as barreiras impostas pelo próprio sistema capitalista de forma normalmente camuflada facilitando o acesso físico, social e cognitivo seja aos direitos sociais mais básicos até formas mais eruditas de educação, arte consumo e cultura.

O MPL se caracteriza pela horizontalidade nas decisões e ações políticas (segundo definição dos membros do próprio MPL quanto às suas estratégias e perspectivas de luta), com expressiva influência de teóricos anarquistas e questionadores das relações de poder, vide Mikhail Bakunin (1814-1876), Proudhon (1809-1865) e, mais contemporâneo, Michel Foucault (1926-1984). As contribuições durante as manifestações não foram apenas referentes à realização das próprias, mas também em relação à capacidade de divulgação através das mídias digitais e a ampliação – mesmo que momentânea – da questão do transporte público no Brasil.

Embora os protestos fossem inicialmente em caráter crítico ao aumento de R\$ 0,20 no valor das tarifas de ônibus (prefeitura) e metrô (governo estadual), o MPL ampliou a discussão para o direito à cidade como um dos direitos sucumbidos pelo poder público e empresas interessadas no aumento do já encarecido custo de vida nas cidades brasileiras. Segundo o próprio movimento:

Num processo em que a população é sempre objeto em vez de sujeito, o transporte é ordenado de cima, segundo os imperativos da circulação de valor. Dessa forma, a população é excluída da organização de sua própria experiência cotidiana da metrópole, organização essa que se realiza principalmente pelo sistema de transporte, o qual restringe a mobilidade ao ir e vir do trabalho e coloca catracas em todos os caminhos da cidade. E, no momento que se fortalecem as catracas, as contradições do sistema tornam-se mais evidentes, suscitando processos de resistência. É em meio a essa experiência concreta da luta contra a exclusão urbana que se forjou o Movimento Passe Livre (MPL, 2013, p. 13).

A pauta do MPL é mais extensa. Independente das condições financeiras de cada um, os integrantes do movimento acreditam que um transporte público gerido pelo poder público, através de parcela dos tantos impostos pagos pela população, é caminho necessário e transformador socialmente dando ao cidadão o direito à locomoção, ao acesso, ao lazer e maior interação com sua própria cidade. Neste contexto, organizaram

no mês de maio junto a outros movimentos sociais, grupos e partidos políticos (a saber: PSOL, PSTU, PCB, PCO e outros de esquerda) o que seria a primeira de tantas outras manifestações em junho de 2013.

1.2 Um país onde as angústias explodiram

Como observa Harry Pross, há um problema genérico na estrutura social que se espalha para os ambientes comunitários, familiares até atingir o plano individual. Este plano individual afetado busca ultrapassar as barreiras e dar voz a sua indignação no plano social (PROSS, 1997). Mas esta voz sabe que não está sozinha e, se utilizando da rede social conectada, aglutina diversas outras vozes para, do plano comunitário, fazerem suas crises serem ouvidas pelas diversas camadas sociais. Observamos a apropriação dos recursos do Facebook por parte dos manifestantes na sociedade do protesto contemporânea.

A aglomeração de revoltosos está formada. É momento, então, de abrir espaço para a manifestação. Esta, porém, geralmente não será bem recebida pelos governantes e pela classe dominante do país, fato que inclusive pode gerar o uso da repressão policial para manutenção da chamada ordem vigente. Tenta-se de qualquer forma quebrar esta ordem. O aparato militar, então, entra em cena como força reacionária. Agora, antes utilizado como meio de organização e promoção de eventos, o Facebook será vital para a divulgação das denúncias contra o abuso do poder público e como meio para dar voz aos movimentos comprometidos com a luta. Sua eficácia é óbvia por considerar a capacidade comunicacional em todos os computadores, tablets e celulares com internet pelo mundo.

Observamos o segundo momento do Facebook nesse contexto. Com as possíveis conexões e interatividades oferecidas, a rede vai sendo tecida até atingir um número mais amplo de cidadãos também indignados com a política, o governo, as condições de vida... E, inconformados, diante de uma tela e sentados sobre uma cadeira, os cidadãos, na medida em que observam, curtem e compartilham as mensagens de outras pessoas, acabam tomando consciência de que devem tomar uma posição no contexto da sociedade. É hora de se levantar e resgatar aquele homem primitivo, desbravador do desconhecido e de posição ereta conforme bem nos lembra Baitello quando busca em nossos ancestrais as raízes da comunicação contemporânea:

A verdade é que essa raiz profunda, nossa natureza primata, nos plasmou em corpo mais ágil, leve e saltitante em um habitat suspenso, longe dos grandes e pequenos perigos que se concentram no solo. Nossas quatro garras (somadas a uma quinta adicional, quando havia a cauda) nos davam uma mobilidade incrível e ofereciam um campo visual em todas as direções, com 360 graus em torno do eixo vertical, bem como 360 graus em torno de qualquer possibilidade de eixo horizontal. Os muitos eixos móveis, punhos, ombros, tronco, pescoço, nos abriam o espaço em volta do corpo sem hierarquizações de dificuldades. Assim, embora nossos olhos estivessem localizados em um rosto frontal, esse rosto podia se virar para qualquer outra direção, vigiando o espaço circundante em qualquer das direções possíveis (BAITELLO, 2012, p. 19).

A interação pela rede foi um dos fatores que possibilitaram a realização das grandes manifestações em escala diária. Era constante os debates, divulgações, troca de informações e estratégias. Mas não paravam no plano do digital. A rua era, de fato, o verdadeiro palco da luta e transformação por meio das revoltas populares:

já se disse que a História faz as utopias e as utopias fazem a História. Num certo sentido, cada sociedade humana é produto de suas angústias, suas fantasias e seus sonhos, projetados nas utopias que elabora. Para o sentimento de identidade coletiva, tão importante quanto viver uma mesma realidade concreta é sonhar os mesmos sonhos. Por isso talvez nenhum fenômeno humano expresse tão bem a dinâmica histórica quanto o incessante construir de utopias. Por isso uma sociedade sem utopias é triste, vazia e sem sentido. Algumas sociedades preenchem os desertos utópicos com oásis de mercadorias e desejos de consumo. Teríamos perdido a característica capacidade humana de sonhar? (MIKLOS, 2007, p.9)

A conquista mais significativa foi a redução dos vinte centavos já acrescidos ao preço da tarifa do transporte público, em São Paulo, e exemplos similares nas demais cidades. Todo esse “despertar do gigante” (como tanto fora dito seja em inflamados discursos nacionalistas ou trocadilhos de sarcasmo) é reflexo do terceiro momento de apropriação do Facebook por parte dos manifestantes que o utilizaram em junho de 2013.

Norval Baitello Junior observaria com interesse o fato de pessoas em situação sedentária diante de seus computadores tomarem atitude de se levantarem de suas cadeiras e aceitarem seu convite, no início do livro, a pensar em pé. O pensamento em pé é o pensamento da criação, do movimento, da atividade e, por que não, do protesto? Algumas reflexões do pesquisador Jorge Miklos nos ajudam a compreender melhor o contexto dos atos de protesto:

O destino humano é ser utópico, ou seja, protestar. Nós, seres humanos somos seres de protestação, de ação de protesto (BOFF, 2000). Protestamos continuamente. Recusamo-nos a aceitar a realidade na qual estamos mergulhados. Não há sistema social, por mais fechado que seja que não tenha brechas por onde o ser humano possa entrar, fazendo explodir essa realidade. Os seres humanos têm uma existência condenada (como Sísifo e Prometeu) – condenada a abrir caminhos, sempre novos se sempre surpreendentes. Negar a realidade em que se vive e projetar outra diferente e realizável. Contra aqueles que, de forma impertinente, anunciam o Fim da História respondemos com a afirmação de Ernst Bloch: “ser homem significa ter uma utopia” (BLOCH, 2005, p. 27). Assim, enquanto houver humanidade, haverá utopia. E a onde está a utopia, estará o protesto. No ventre o protesto reinventa-se o mundo. “Há muita vida onde se protesta muito. O protesto assegura o espaço da liberdade” (PROSS, 1997, p. 21) (MIKLOS, 2007, p. 9).

E retornando as ponderações do professor Baitello sobre o pensamento sentado, chegamos a conclusão que o constante incentivo a se viver sentado, observando os acontecimentos, é uma estratégia civilizatória de sedação dos seres humanos por seres humanos:

Assim, viver sentado é uma mudança radical de vida, uma negação da inquietude do saltador e do incansável caminhante. Significa assentar e acalmar o andarilho inquieto, sedar sua necessidade de movimento e sua capacidade de apreender (que significa agarrar) o que lhe cerca, de explorar curiosamente o mundo, de reagir ao entorno, de saltar de ideia em ideia. Sentados, estaremos anestesiados, sedados. E talvez seja realmente esta a intenção de tantas cadeiras e assentos: sedar. É no mínimo instigante que as palavras “sentar” e “sedar” sejam irmãs muito íntimas, filhas da mesma palavra-mãe latina. Ambas vêm de “sedere”, que significava, ao mesmo tempo, “sentar” e “acalmar”. Assim, não espanta que nos queiram acalmar colocando-nos sentados, sem a prontidão do movimento (BAITELLO, 2012, p. 21).

E essa sedação é justamente o que esperam de nós os “donos” do poder. Governantes, grandes empresários, acionistas e demais seres interessados na manutenção do sistema. E jamais em uma ruptura revolucionária.

1.3 As consequências

A população ocupou as ruas em longas marchas de protesto por várias cidades brasileiras. A repercussão foi tamanha nos primeiros momentos que conquistou a simpatia e aderência de mais setores – inclusive camadas sociais das classes média e média alta – todos levantando seus cartazes, vozes e palavras de ordem, muitas vezes

desencontrados, mas todos refletindo alguma espécie de indignação coletiva com a atual situação do país. Segundo Cicilia Peruzzo, “não se trata somente de um movimento de esquerda, muito menos só dos setores tradicionais de representação política. Até o repúdio a partidos políticos de esquerda roubaram a cena em alguns momentos nas manifestações de junho e julho” (PERUZZO, 2013, p. 79).

Os meios de comunicação ligados às grandes empresas do ramo viram com críticas e ressalvas num primeiro momento, criminalizavam a presença de “vândalos e baderneiros”, mas diziam ser legítimo o protesto quando viam suas opiniões sendo “compartilhadas” pelas vozes das ruas. A própria mídia das grandes corporações, representada em nossa pesquisa pelo portal G1, das Organizações Globo, foi também duramente criticada por sua postura reacionária em determinado momento e oportunista em outros. Para Venício Lima, “a ampla diversidade de opiniões existente na sociedade não encontra canais de expressão pública nem tem como se fazer representar no debate público formador da opinião pública” (LIMA, 2013, p. 93). E complementa que:

Apesar disso, não é a primeira vez em nossa história política recente que a velha mídia se autoatribui o papel de formadora e, simultaneamente, de expressão da vontade das ruas, vale dizer, da “opinião pública”. Mas, embora consiga dissimular com competência suas reais intenções, a velha mídia não só faz parte como de fato agrava a crise da representação política.

Não estariam criadas as condições para alimentar a violenta hostilidade revelada nas manifestações contra jornalistas, equipes de reportagem e veículos identificados com emissoras de TV da velha mídia? (LIMA, 2013, p. 93).

O autor não cita em seu ensaio, mas a professora Cicília Peruzzo faz lembrar da hostilidade sofrida pelo jornalista Caco Barcelos, da TV Globo, expulso aos gritos de “Fora, Globo” por parte da enfurecida multidão.

Tal indignação deu-se, em partes, pelo fato da história das Organizações Globo estarem intrinsecamente ligadas ao histórico de oposição aos governos populistas, a queda de Getúlio Vargas (ainda enquanto jornal da família Marinho) e apoio ao golpe militar de 1964 que destituiu João Goulart e instituiu uma ditadura militar até o ano de 1985. Neste período a Globo conquistou expressivo poder midiático, financeiro e tecnológico, conseguindo chegar a todos os territórios do Brasil, no formato televisivo principalmente, e demais localidades mundiais, sendo principal detentora de diversos meios de comunicação. No pós ditadura, sua postura não mudou com sua interferência

na política do país, sendo um dos alvos dos grupos que acusam certos setores sociais de serem os responsáveis pelo atraso político e cultural do Brasil.

Poderes municipais, estaduais, federal e legislativo e grandes conglomerados midiáticos foram alvos da indignação coletiva. Não foram felizes o bastante no controle da revolta popular, caíram em contradições e ficaram até mesmo sem refúgio em alguns momentos: prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, “fugindo” de helicóptero para uma reunião de emergência com a presidente Dilma e o ex-presidente Lula – todos do PT. Ou quando o governador Geraldo Alckmin (PSDB) trancado em seu gabinete fingindo não ouvir manifestantes de fora do Palácio dos Bandeirantes e confiando na sua polícia para evitar possíveis invasões. Editorial no jornal O Globo no qual a empresa faz uma *mea culpa* pelo fato de ter apoiado o golpe militar de 1964, em resposta as passeatas que esbravejavam “O povo não é bobo, abaixo a Rede Globo” e “A verdade é dura, a Globo apoiou a ditadura” (O GLOBO, 31 de agosto, 2013).

Um dos sinais mais evidentes do período, já debatidos em universidades e alguns, poucos, veículos de imprensa, é a crise de representação na sociedade brasileira. Apesar da contradição, grande parte dos brasileiros vota na época de eleição, mas não se sente representado de fato pelos políticos de dentro ou fora do poder. Na história contemporânea vemos que “é necessário, então, introduzir um fator sempre ignorado quando se fala na ‘crise da representação política’, que, como se sabe, não é exclusiva da democracia brasileira, mas um sinal de esgotamento de instituições tradicionais das democracias representativas” (LIMA, 2013, p. 92).

1.4 O desfecho

Não prolongaremos nosso estudo até os meses de julho e agosto devido o caráter heterogêneo e, poderíamos até mesmo dizer, esquizofrênico que as Jornadas de Junho foram tomando nessa virada de semestre. Há uma gama de ideologias, posicionamentos e opiniões confusas levadas às ruas, já fugindo do pretexto inicial da revogação do ajuste no preço da tarifa do transporte público.

As passeatas, já do dia 17 de junho em diante, aglomeraram milhões de pessoas em todo o Brasil causando certo incômodo ao poder público. Incômodo pela quantidade de gente presente nas ruas e pelas pautas genéricas caracterizando uma insatisfação generalizada. Embora muitos gritassem por direitos básicos e constitucionais, haviam setores defendendo a volta do regime militar, a proibição do aborto, o engavetamento da

PEC 37 e o desejo de ter o ex-ministro do STF (Supremo Tribunal Federal) e relator do processo referente ao “Mensalão”, Joaquim Barbosa, ocupando o cargo de presidente da república – e isso sem conectar com qualquer outra abordagem mais crítica quanto ao problema da corrupção não como algo do governo, mas fenômeno intrínseco às entranhas do sistema. Neste contexto, Cicilia Peruzzo explica que:

as recentes manifestações no Brasil expressam a busca pela ampliação da cidadania. Há interesse da sociedade em interferir e participar. Foi explicitado um grito de revolta, mas também um grito por mudanças. Exige-se ética na política. Deu-se um recado ao poderes constituídos (Executivo, Legislativo e Judiciário), mas também à grande mídia, que alguns dizem ser o quarto poder, mas que de fato é apenas uma extensão do poder econômico, que se reveste do político e do ideológico. Sabe conviver com os gestores do Executivo mesmo quando não lhe são totalmente simpáticos, por que de fato interessa o controle do poder de Estado (PERUZZO, 2013, p. 91)

O objetivo inicial das manifestações foi atingido, comprovando a capacidade do protesto popular resultar em fazer valer a vontade do povo. O prefeito Fernando Haddad (PT-SP) e o governador Geraldo Alckmin (PSDB-SP) revogaram o aumento da tarifa de ônibus e metrô, mantendo o preço de R\$ 3,00. MPL e demais grupos comemoraram, mas as ruas seguiam insatisfeitas. Fosse a saúde, educação, segurança, menos impostos, “Fora Fifa”, abaixo à Copa, abaixo a corrupção, fora PT, fora PSDB, fora Globo... A convergência conservadora e o posicionamento menos estratégico de luta e mais romantizado pelo “calor do momento” fizeram com que alguns grupos e o próprio MPL abandonassem as Jornadas de Junho e não convocassem mais atos. Não queriam o nome do grupo vinculado à ideias consideradas por eles como sendo reacionárias.

As manifestações prosseguiram normalmente, no entanto. A pressão também garantiu a derrota por ampla maioria de congressistas da PEC-37, agradando os setores que metaforicamente falando bombardearam essa pauta nos protestos. Mas nos seguidos meses de julho e agosto já estavam ficando cada vez mais descaracterizadas e desacreditadas, abrindo espaço para a mídia atacar os atos de vandalismo e generalizar as opiniões dos que seguiam na luta. A consequência foi o crescimento da presença de Black Blocs nos atos e a possibilidade da polícia voltar ao velho esquema de repressão e estabelecimento da ordem. Quase todos os dias ocorriam manifestações, mas de grupos e causas variados, alguns literalmente organizados por famílias, compondo cerca de 20 a 30 pessoas em protesto. Os maiores, normalmente com adesão de Black Blocs, não terminavam de forma pacífica e abriam chances para a repressão policial e comentários

– por vezes exagerados – dos jornalistas da mídia hegemônica. Podemos dizer que, conforme as palavras de Cicilia Peruzzo:

Trata-se de um momento ímpar da sociedade brasileira que parece indicar à universidade a necessidade de se repensar, sair do comodismo do seu enquadramento aos interesses do mercado seja ele midiático ou da indústria, e perceber que seu papel é contribuir para toda a sociedade, uma sociedade que clama por mudanças (PERUZZO, 2013, p. 91).

E a repercussão deste curto, mas ardente trecho da nossa recente história, teve repercussão em 2014 devido a Copa do Mundo de Futebol da Fifa e as eleições para presidente, governadores, senadores e deputados e em 2015 com as fracas perspectivas econômicas do país e a grande ascensão de grupos e ideais conservadores no Brasil, fortemente alinhados com projetos contra emancipatórios.

Mas vale lembrar que isso tudo reflete uma sociedade exausta pelos mesmos e outros novos problemas que parecem sempre incapazes de serem resolvidos. Como destacou recentemente a ex-deputada federal Luciana Genro (PSOL-RS) “o Brasil precisa de um novo Junho de 2013” (GENRO, 2015) numa alusão à necessidade de mais levantes populares com caráter democrático e progressista para pressionar à mudança e não ficarmos “prostrados em nossas cadeiras” (BAITELLO) com postura messiânica eternamente esperando por um salvador da nação.

2. As abordagens do G1 e do Mídia Ninja

O portal on-line de notícias G1 foi importante veículo de informação durante o período das manifestações de junho de 2013. O G1 segue orientação da Central Globo de Jornalismo. Foi lançado em 18 de setembro de 2006, quando a Rede Globo fez 41. Além das três redações próprias situadas em São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília, afiliadas da Rede Globo, várias agências de jornalismo alimentam o plantão de notícias, atualizado 24 horas por dia. O Portal destaca-se por seu conteúdo multimídia, tirando proveito das vantagens da internet sobre os meios tradicionais de comunicação.

As características de plataforma on-line possibilitaram a ampla cobertura e rápida divulgação do que ocorria de mais relevante durante as passeatas. Era possível além das matérias de capa publicadas no site, divulgar ao vivo as manifestações através de vídeos, fotografias e notas informativas, semelhantes aos famosos tweets da rede social/microblog Tweeter, atualizadas de tempo em tempo com detalhes mais chamativos.

A página, se do interesse fosse, era devidamente alimentada e atualizada. A rádio CBN e o canal de televisão GloboNews (também órgãos do conglomerado Globo) compartilharam material jornalístico em relativa abundância, permitindo a união de diversas mídias em uma só para o espectador diante da tela do seu computador, tablete ou smartphone. Em um primeiro momento, a observação empírica permitiu perceber que este era o portal acessado em primeira mão para se ter notícia das manifestações e seus desfechos ao redor do país e principalmente na cidade de São Paulo.

Assim como ocorreu com relação a outros veículos da mídia tradicional ou hegemônica (*O Estado de São Paulo, Folha de S.Paulo, O Globo* etc.) o portal adotou inicialmente uma postura conservadora e reacionária contrária as passeatas e, como de praxe, entendendo ser aquele mais um distúrbio pequeno-burguês e passageiro, porém menos passageiro do que gostariam para evitar problemas no já caótico trânsito de São Paulo. Eram os manifestantes nas ruas, ocupando o espaço, público que deveria ser mais das pessoas e menos dos carros (ideal ironicamente defendido por setores da grande mídia quando se referem às potências mundiais mais desenvolvidas), e gerando os rotineiros corredores de congestionamento, com os picos alcançando seus 220, 260, 300 quilômetros de lentidão nas principais pistas da capital paulista.

Não fosse apenas a questão do direito de ir e vir das pessoas, os jornais vinculados às grandes empresas de comunicação ainda buscaram subtrair o mérito das revoltas populares por meio de focar nos conflitos, geralmente violentos, entre polícia e

manifestantes, sendo que a “desordem pública” não era objetivo de maioria dos participantes dos protestos. Vale lembrar o desmedido uso da força policial contra aqueles que manifestavam pacificamente e por apenas ocuparem as vias públicas foram escorraçados pelo aparato repressivo com suas costumeiras balas de borracha, bombas de efeito moral, gás lacrimogênio, spray de pimenta, cassetetes e demais “armamentos não letais”. Mas o zelo pela ordem e o patrimônio deveriam falar mais alto. Evidentemente as pessoas tinham o direito de se manifestarem, mas sem fazer arruaça. Aliás, cansou ler e escutar repetidas vezes, quase como músicas eletrônicas, os termos arruaceiros, baderneiros, vândalos, meliantes e marginais, quando ainda incluíram o “mascarados” para se referirem aos ativistas de ação direta aderidos à tática Black Bloc.

Ao contrário do divulgado pelo senso comum, o Black Bloc não é um movimento, grupo ou partido político, e sim uma tática de ação direta em manifestações de rua. O conceito surgiu na Alemanha como forma de oferecer maior resistência contra o aparato policial durante os protestos públicos. Seus seguidores partem do princípio do não diálogo com as forças repressoras do Estado, a relativa autonomia dos que seguem a tática (por não serem um grupo não há interação particular necessariamente e muito menos hierarquia nas tomadas de decisões) podendo tornar as manifestações violentas no seu decorrer. Outra importante característica é a deliberada destruição de símbolos (públicos ou privados) da ditadura capitalista. Ganharam fama no Brasil em 2013, mas já se faziam presentes em manifestações há alguns anos já.

Valendo-me de uma experiência particular, estava acompanhando o desfecho de umas das passeatas de junho quando ouço comentários do colega de trabalho ao lado provocando este curioso diálogo:

- Filho da p... esse G1!

- O que houve?

- Eles falando que terminou o ato com violência provocada pelos manifestantes, mas antes mesmo no Facebook tava vendo um vídeo do ato mostrando a polícia atirando só porque os caras bloquearam a rua.

Evidentemente houve excessos por parte de alguns manifestantes ao incluírem no fogo cruzado carros de pessoas comuns, bancas de jornais e revistas, máquinas de refrigerante e vitrines de pequenos estabelecimentos comerciais. Os meios tradicionais, entre eles o portal G1, apenas se “esqueciam” de mencionar que por diversas vezes a

confusão era iniciada pelo despreparo da polícia em lidar com esse tipo de agitação e a impulsividade da mesma ao desferir ataques contra quem estava na passeata. Vide tamanha violência no dia 10 de junho quando vários transeuntes e jornalistas de diversos veículos de imprensa foram atacados e feridos a tal ponto de necessitarem rapidamente de cuidados médicos.

No que se observa da forma empregada pelo Mídia Ninja para fazer suas divulgações e, intrinsicamente, denunciar posturas arbitrárias da polícia e da própria grande mídia, encontramos muito da técnica jornalística ali. Há certa liberdade na forma e seus “funcionários” não o são formalmente por não haver vínculo empregatício, porém existe o trabalho em si para determinado grupo. No caso do G1 observa-se um jornalismo mais tradicional, da era industrial (TRAQUINA, 2005) em contraste com as novas formas em voga na atual fase pós-industrial. Evidentemente, ambos podem gozar de relativa fluidez permitida pelo hipertexto e a confluência de mídias. Os jornalistas do portal vinculado à Globo, no entanto, zelam por seus empregos e tendem a seguir a hierarquia de funções, as reuniões de pauta, as determinações da empresa e manuais de redação. Segundo a filosofia folclórica: “manda quem pode, obedece quem tem juízo”.

2.1 Com a palavra, Arnaldo Jabor

Um certo divisor de águas, embora evidentemente não o único, na breve história das Passeatas de Junho foi o discurso, para variar, inflamado do comentarista e dramaturgo Arnaldo Jabor. Seus comentários sobre as manifestações de até então buscaram desmerecer a atitude dos manifestantes, classifica-los como baderneiros e “rebeldes sem causa”, alienados dos “reais” problemas nacionais que deveriam estar na pauta dos protestos. Jabor defendia passeatas contra a corrupção, a PEC 37 e reivindicações de saúde e educação de qualidade, entre outras propostas vagas e sem foco estratégico de luta. Silvia Viana, socióloga e professora da FGV, enfatiza:

O gesto deslocado se fez presente no discurso paradoxal de outro esbravejador profissional, Arnaldo Jabor: “Não pode ser por causa de 20 centavos! A grande maioria dos manifestantes são filhos de classe média, isso é visível! Ali não havia pobres que precisassem daqueles vinténs não! O fato é que era por causa de vinte centavos, uma “migalha”, cujo significado para aqueles que sabem quantas moedas carregam no bolso e qual o valor de cada uma delas, nós só podemos imaginar. Os rapazes e moças do MPL, que discutem as políticas de

transporte público há anos, e cuja organização não se limita às redes sociais, imaginaram (VIANA, 2013, p. 57).

Como células de um mesmo organismo, o próprio G1 contribuiu com a divulgação e acesso aos que quisessem ver ou rever a fala de Arnaldo Jabor, que do alto de sua livre-docência em levantes populares, questionava as atitudes e motivos alegados por aqueles, em sua maioria, jovens, para tomarem as ruas e enfrentarem o Estado e o aparato policial. O comentarista basicamente sustentava os posicionamentos da rede de televisão do qual estava utilizando o espaço para esbravejar de forma contrária às passeatas até o momento.

O fator positivo em algum aspecto para a Globo foi justamente o protesto seguinte, com adesão popular gigantesca – em especial de setores da classe média e classe média alta – levarem para as ruas a indignação com os rumos da política brasileira, a corrupção no governo, as obras da Copa do Mundo 2014 e a PEC 37. Além disso, alguns respondiam, de forma irônica e humorada, que toda aquela efervescência não era simplesmente devido à questão financeira dos R\$ 0,20.

As manifestações então foram ficando cada vez mais heterogêneas, com pautas novas surgindo a todo momento e não raramente entrando em confronto com a proposta inicial de lutar pela revogação do aumento da tarifa do transporte público. O discurso genérico e afastado do viés político mais radical (em questionar os problemas estruturais do sistema) foi tomando conta das ruas e chegou inclusive a afastar – e também, literalmente, expulsar – grupos e movimentos originários dos primeiros protestos de 2013 e que também estiveram na luta em momento semelhante no ano de 2011.

2.2 Mudança de lado?

No entanto, houveram efeitos colaterais também para o G1 e sua grande família. A cobertura midiática por vezes contrária e em outras oportunista, tentando colocar as palavras nas bocas dos manifestantes, provocou revoltas expressadas por gritos de “Fora Globo” e denúncia por parte dos ativistas dos equívocos e críticas desmedidas da cobertura jornalística da grande mídia.

A situação mostrou-se ainda mais tensa quando hostilizaram repórteres (como Caco Barcelos, citado no capítulo anterior) que estavam apenas realizando seu trabalho e não permitiram que muitos pudessem acompanhar o desfecho das passeatas,

precisando – como muito bem soube fazer o portal G1 – acompanhar a distância, por helicóptero, ou se baseando em informações divulgadas por jornalistas infiltrados ou de fato participantes do protesto (caso que observaremos em breve com relação aos ativistas da Mídia Ninja). Compartilhamos da avaliação de Cicília Peruzzo:

A violência policial consentida e justificada pelo Estado, as coberturas noticiosas e a edição de conteúdos para enfatizar o lado grotesco ou para avaliá-lo segundo viés conservador e autoritário ou, no mínimo mal informado, irritaram os manifestantes. Mas as ruas também deram um recado insistindo no direito de manifestação, e mostrou à mídia seu descontentamento por meio do incêndio de um carro de reportagem de uma rede de televisão (no dia 18 de junho), além de críticas a jornalistas e impedimento de filmagens no meio de passeatas (PERUZZO, 2013, p. 82).

O portal G1, no entanto, soube articular-se para de alguma forma conseguir dialogar com as manifestações e o atual momento de efervescência política no país. Passando a adotar um discurso mais simpático, defenderam o direito à livre expressão e as falas contrárias à PEC 37 e a corrupção na política. Não admitia, porém a reação daqueles que batizou de “mascarados” ao tentarem servir de braço dos protestos se defendendo e atacando policiais militares e guardas da GCM (Guarda Civil Metropolitana) sempre que estes buscavam a via da repressão para dispersar os manifestantes.

O jornalismo do portal também se caracterizou por uma espécie de prestação de serviços, criando páginas com gráficos e mapas interativos das diversas manifestações ao redor do país, de norte a sul, com dados estatísticos, horário, data e locais, e, preservados nos seus arquivos, alguns históricos das Jornadas de Junho, postagens sobre a cobertura ao vivo das passeatas, um arquivo – justiça seja feita, muito bem elaborado – da Linha do Tempo e um “guia prático” para os mais leigos ou curiosos se aprofundarem no tema recente e complexo.

Não devemos crer que isto resultasse de fato em um desejo de mudança. O G1 possibilitou a capacidade de acompanharmos muito bem as passeatas à distância, conseguindo realizar uma cobertura inclusive mais eficiente que a das outras de mesma empresa, seja pelos recursos tecnológicos e digitais, a instantaneidade de publicações ou a possibilidade de unir outras mídias (televisão, rádio, jornal, fotografia) em apenas uma (plataforma digital na web) e utilizada pela parcela da população que soubesse interagir com aquela interface. Mas como lembra Venício Lima:

A velha mídia identificou nas manifestações – iniciadas com um objetivo específico, a saber, a anulação do aumento da tarifa de ônibus na cidade de São Paulo – a oportunidade de disfarçar o seu papel histórico de bloqueadora do acesso público às vozes – não só de jovens, mas da imensa maioria da população brasileira. Mais do que isso, identificou também uma oportunidade de “desconstruir” as inegáveis conquistas sociais dos últimos anos em relação ao combate à desigualdade, à miséria e à pobreza (LIMA, 2013, p. 92).

Comprendemos o papel conservador do G1 e seus parceiros em um processo mais de escracho ou censura àquilo que não agrada aos interesses da empresa e por outro viés a divulgação e possibilidade de estar na mídia quando o assunto casa com as pretensões – nem sempre muito esclarecidas e democráticas – daquilo que a velha mídia (LIMA) toma para si como objetivo e forma de atuar na sociedade.

Ninja foi a abreviação escolhida para o nome Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação. Também caracteriza a estratégia dos seus membros em fazer um jornalismo com aspectos divergentes dos praticados pela grande mídia, utilizando outros recursos, outras abordagens e uma forma de agir, digamos, mais ardilosa, como os próprios ninjas dos antigos filmes do cinema oriental. Neste trecho, divagaremos sobre o surgimento do grupo, suas ideias, o porquê das suas ações terem sido relativamente bem sucedidas na realidade dos protestos de junho de 2013 e questionar alguns posicionamentos tanto do projeto, em si, quanto das próprias práticas jornalísticas.

Para breve entendimento acerca da prática jornalística, corresponderemos com o pensamento do pesquisador Nelson Traquina. Para o acadêmico, jornalismo é:

Uma atividade criativa, plenamente demonstrada, de forma periódica, pela invenção de novas palavras e pela construção do mundo em notícias, embora seja uma criatividade restringida pela tirania do tempo, dos formatos e das hierarquias superiores, possivelmente do próprio dono da empresa. E os jornalistas não são apenas trabalhadores contratados, mas membros de uma comunidade profissional que há mais de 150 anos de luta está empenhada na sua profissionalização com o objetivo de conquistar maior independência e um melhor estatuto social. (TRAQUINA, 2005, p.22)

Poderíamos através dessa elaboração refutarmos a ideia de que é jornalismo o que os integrantes do Mídia Ninja fazem. Mas está aberta uma discussão sobre o tema cada vez mais plausível nos tempos atuais. Não é cair em devaneios pós-modernos e defender que qualquer coisa é jornalismo ou jornalismo é qualquer coisa, mas observar

a relação mais ampla desta função do que a atribuída ao contador de histórias (TRAQUINA, 2005) funcionários das empresas devidamente registradas e proprietárias de algum CNPJ que respondem ao cadastro da Receita Federal como órgãos de imprensa. O jornalismo pode ser visto também como uma prática de movimentos sociais e ativistas que, munidos de algum entendimento dos aparatos de comunicação e comprometimento ético, buscam noticiar o cotidiano estimulando o debate público, questionar as leis, instituições e demais aparatos do poder. Aliado a tudo isso, também buscariam dar voz às diversas opiniões.

O grupo Mídia Ninja procurou fazer uma abordagem supostamente diferenciada da escolhida pelo G1, ligado ao grupo Globo. A aproximação e simpatia com as manifestações e os manifestantes eram visíveis não só nas redes, mas também durante entrevistas com alguns dos seus membros (Roda Viva, TV Cultura, 2013) e a própria ação direta nas passeatas. Tinham a capacidade de fazer corpo nos protestos de junho, participaram como manifestantes e utilizaram seus recursos para exercer um jornalismo mais autônomo e desvinculado das restrições impostas por interesses maiores de grupos financeiros e empresariais. Com seus celulares, câmeras de bolso, notebooks ou tablets e baterias de fácil manuseio e transporte, cobriram grande parte das manifestações do ano retrasado, divulgando quase que instantaneamente pela internet através de Facebook, Youtube, Twitter entre outros.

Curiosamente, foram referência e fonte dos veículos de imprensa tradicionais quando estes se viram impedidos de cobrir as passeatas por hostilidade dos manifestantes ou até mesmo perigo iminente à vida nos momentos de tensão e conflito. A “nova” técnica de reportagem chamou a atenção da mídia, como percebemos nos comentários da colunista do portal de notícias G1, Yvonne Maggie:

Essa técnica, embora de forma muito mais rudimentar, foi usada em países em que não havia liberdade de imprensa, em situações de ditadura. A chamada Primavera Árabe mostrou ao mundo o poder da narrativa visual em tempo real. Nas manifestações de muitos países árabes, a imagem, que saía de um celular, passava pela internet e ia parar na TV. Afinal a internet é fundamental nesse processo. As imagens faziam com que as pessoas se reconhecessem e soubessem o que se acontecia nas ruas, nas cidades vizinhas, dando um impulso aos protestos. A Primavera Árabe teria sido possível mesmo sem essa mídia, mas os analistas dizem que ela foi um fator importante em países que censuram a imprensa e o trabalho dos repórteres (MAGGIE, 2013).

Embora não fosse o caso de termos uma ditadura propriamente dita, imposta pela força dos tanques e metralhadoras, há uma ditadura “natural” do próprio sistema capitalista disfarçada de democracia, segundo o jornalista e professor da PUC-SP José Arbex Jr (UOL, 2009). Com tamanha diversidade natural, social, cultural e geográfica no Brasil, soa estranho o parlamento em Brasília ter mais da metade dos congressistas defensores dos interesses de grandes indústrias, empreiteiras, banqueiros e proprietários de terras. E a manutenção deste infeliz fenômeno pode ser explicada pelo expressivo número de veículos de mídia sendo propriedade de apenas algumas famílias tradicionais – e por sua vez vinculadas ao grande capital – e reguladas conforme interesses privados sem abrir espaço para a pluralidade de pensamento. Neste contexto, observa-se cenário semelhante em certa medida ao encontrado nos países do Oriente Médio onde também eclodiram revoltas populares e a ascensão de um pessoal até então desconhecido para muitos de nós.

2.3 Ninjas fora do eixo

O Mídia Ninja não surgiu do nada durante as Jornadas de Junho. Criado em 2011, é uma espécie de assessoria de imprensa e canal de comunicação do coletivo Fora do Eixo. Tal coletivo, embora também existente há mais tempo do que isso, ganhou repercussão graças as suas iniciativas e a própria participação nos movimentos populares de 2013. Seus integrantes defendem princípios anarquistas e libertários, privilegiando a autonomia, o grupo como um todo e a autogestão dos recursos. Costumam residir em casas comunitárias onde tudo é compartilhado, sem haver a relação de posse e, teoricamente, o consumismo desenfreado.

Surgiram em um contexto de contraposição à lógica da cultura de massa (conceito da Escola de Frankfurt, amplamente repetido por pensadores da comunicação no Brasil), ambiente marcado pela necessidade da divulgação da diversidade de opiniões. Basicamente, são “um coletivo auto-organizado de produtores culturais que promovem a música independente, realiza festivais e consegue avançar na promoção cultural, por fora da lógica e das amarras do mercado tradicional capitalista” (PERUZZO, 2013, p. 90). Cabe justamente ao Mídia Ninja contribuir com a divulgação e cobertura de tais eventos, se apropriando da “liberdade” do Facebook e demais redes sociais digitais para escapar do meastream.

O grupo, contudo, também coleciona algumas polêmicas e desafetos. Embora defenda princípios auto-gestionários e horizontais, não parece incômodo ao grupo o destaque dado ao idealizador Pablo Capilé como líder e “cabeça” do coletivo. A própria ideia de liderança já é uma contradição dentro da filosofia anarquista – supostamente adotada por eles. Ainda sobre Pablo Capilé, vemos sua participação declarada em comícios e demais eventos do Partido dos Trabalhadores, nos quais não perde a oportunidade de sair em fotos com a presidente Dilma Roussef, o ex-presidente Lula e demais figuras da política institucional brasileira, normalmente aliadas ao governo federal. Críticos o consideram um hipócrita, pois para um anarquista ele apresenta uma postura bastante governista. Os aliados rebatem, alegando que Capilé nunca escondeu isso de ninguém, debate a questão com todos e sabe distinguir os interesses do coletivo dos interesses do PT.

Outras críticas partem de questionamentos sobre a real forma de organização e captação de recursos do Fora do Eixo. Tais posturas libertárias divulgadas pelo coletivo entraram em cheque quando alguns membros criticaram questões de estrutura interna e, embora nada esteja oficialmente em julgamento, setores contrários alegam que há expressivo repasse por meio de verbas da Caixa Econômica Federal, Ministério da Cultura, Ministério da Educação e ONG’s. Devido carência de provas e de não ser esse nosso foco, não pretendemos entrar nessa discussão, muito menos fazer o jogo normalmente feito pela revista Veja ao dizer aquilo do qual gostaria que fosse verdade em forma de reportagens e sem apresentar dados mais concretos.

2.4 Voltando aos eixos

De qualquer forma, fica a observação da técnica alternativa empregada pelo Mídia Ninja para cobrir eventos cotidianos e políticos do cenário brasileiro tentando fugir de certas padronizações da mídia tradicional. A presença no conflito, a facilidade e praticidade para gravar e transmitir arquivos, a divulgação via mídias digitais e o contraponto feito com o noticiário de outros portais, como no caso do G1. Conforme observa Cicilia Peruzzo:

além das redes de comunicação independentes que se formaram graças aos celulares conectados na internet, um veículo de mídia alternativa, a

Mídia Ninja, ganhou destaque por sua atuação durante as passeatas de protesto e reivindicações. Ao gravar e transmitir imagens e sons ao vivo dos acontecimentos passou a ser um canal de informação confiável e capaz de transmitir a informação diretamente do cenário de ocorrência, muitas vezes confrontando a versão da mídia convencional ou revelando fatos que ela não cobriu. Chegou até a servir de fonte para esta, quando enfrentou dificuldades em penetrar nas manifestações (passaram a não ser bem aceitas no decorrer do processo) quanto pela falta de capacidade de alterar os padrões tradicionais das coberturas jornalísticas. Por exemplo, no dia 18 de junho só a Mídia Ninja cobriu o confronto entre manifestantes e a Tropa de Choque da PM na Rua Augusta, em São Paulo, com imagens feitas de um smartphone e postadas no canal online PosTV (PERUZZO, 2013, p. 90).

Fosse com o Ninja ou outros coletivos, grupos e mídias supostamente alternativas e independentes, o Brasil repetiu o fenômeno histórico observado em países do Oriente Médio e demais nacionalidades, independentemente dos desfechos e rumos tomados, indicando a influência das novas tecnologias da comunicação nos processos intrínsecos à nova (atual) fase do capitalismo mundial.

3. O paralelo das duas abordagens

Até o momento buscamos apontar as características do modelo tradicional de cobrir manifestações (feito pela grande mídia, representada nesta pesquisa pelo portal G1) e o modelo “novo”, da mídia alternativa (no caso, o Mídia Ninja). Conceituou-se como se dão as diferenças e o que está em cheque nessas mudanças na comunicação. No atual estágio de desenvolvimento das forças produtivas do capitalismo e dependência cada vez maior dos aparatos de comunicação digital é necessário entendê-los como “um conjunto tecnológico composto essencialmente por duas tecnologias singulares: máquinas computacionais e Internet. Uma das características compartilhadas por ambas e, conseqüentemente, transferidas para a Rede, é a identificação de níveis analógico e digital” (PEREIRA, 2012, p. 19).

Através do Facebook e demais plataformas, dinamizamos e aceleramos os processos – algo cada vez mais desejado e exigido pelo sistema para viabilizar a arrecadação de capital – algo não semelhante visto em outros meios de comunicação, ou visto com devida inferioridade com relação à “competência” do aparato, pois, “no caso da rede social digital, as possibilidades comunicativas são diferentes porque se trata de um meio cujos suportes tecnológicos demandados para a emissão e para a recepção fundamentam-se em uma mesma estrutura tecnológica geral” (PEREIRA, 2012, p. 20).

3.1 Mudança de paradigmas

Adentramos neste trecho para uma reflexão quanto ao atual modelo de desenvolvimento do sistema capitalista e nossa relação com o mesmo. A lógica aparentemente revolucionária das inovações tecnológicas é uma excelente mantenedora do status quo e não pretende – embora possa viabilizar – a emancipação do proletariado, como defendiam Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895). Este novo modelo, no nosso entendimento, quer é a adequação do usuário-consumidor em usuário-consumidor-funcionário, fazendo-nos fabricarmos, desejarmos e dependermos dos produtos. Na contemporaneidade, modernidade líquida (BAUMAN, 2001), capitalismo do século 21 ou qualquer outro nome que melhor identifique a atual fase produtiva, observamos a enorme relevância da informática em nossa cultura ocidental urbana, pois segundo o professor Edilson Cazeloto:

Redes de comunicação controladas por computadores são absolutamente indispensáveis para integrar um processo produtivo que

virtualmente pode ir para qualquer lugar do globo terrestre. As empresas contemporâneas, pelo menos as mais dinâmicas, são, na verdade, uma “rede”: uma coligada responde pela pesquisa em Tóquio; outra desenvolve o marketing em Londres; uma terceira faz os protótipos na China, que envia os desenhos para produção em escala na Tailândia, antes de remetê-los para comercialização em Porto Alegre. A informática é a coluna vertebral que sustenta a grande operação capitalista contemporânea (CAZELOTO, 2007, p. 171).

E nessa nova face do capitalismo ciberglocalizado, com tal engrenagem complexa na qual somos transformados em funcionários 24 horas por dia (CAZELOTO, 2007) e consumidores do nosso próprio trabalho, retroalimentamos a cadeia informatizada do capitalismo através do ciberespaço. E grande parte desse processo ocorre de forma inconsciente, e acreditamos estar apenas desfrutando das nossas (poucas) horas de lazer. Mas nossa atividade “facebookiana” ajuda a rodar essa engrenagem. Fazemos tal afirmação frisando o seguinte comentário:

o consumidor tornara-se um usuário cada vez mais exigente, capaz de interagir e se comunicar através da Internet usando os mais diferentes tipos de dispositivos de comunicação. A mediação da publicidade ou dos grandes mídia estava sendo trocada pelas interações e recomendações obtidas através das redes sociais (Levine, Locke, Searls & Weinberger, 2000).

Provavelmente estamos perto do sonho de todo capitalista de, devido condições históricas, ter a sua disposição clientes/consumidores que também desempenham papel de funcionários em um ciclo praticamente vicioso. E sem serem remunerados por isso.

3.2 Apropriação criativa

O caráter fisiológico desses meios de comunicação para com o capitalismo não deve, porém, ser apenas enxergado com pessimismo e alardes apocalípticos, ou com sua demonização por nos forçar - e de forma perversa, pois os usuários estão sendo forçados sem assim se sentirem na prática, pelo contrário, creem ser de legítima escolha pessoal e até mesmo agradecem aos deuses do Vale do Silício pelo desenvolvimento de tais ferramentas - à constante utilização. Pode-se também, como demonstram os movimentos sociais, ONG's, partidos de esquerda ou de minorias, coletivos e organizações populares, exercer uma apropriação criativa (FLUSSER, 2007) da ferramenta tentando fazê-la operar ao nosso favor conforme houver possibilidade.

Apropriação criativa vem do conceito flusseriano de poder se valer da técnica e da tecnologia de forma a recriar linguagens e modificar programações, a priori não previstas pelos desenvolvedores primários.

O protesto não precisa desempenhar um luddismo exacerbado (embora reconhecamos como importante filosofia e prática crítica). Podemos utilizar as próprias ferramentas do sistema contra ele próprio, burlando regras verticalizadas, ampliando e democratizando acessos e desregulando a reprodutibilidade técnica (BENJAMIN, 2012) inerente ao uso dessas ferramentas no contexto capitalista. Não significa estarmos sendo ingênuos ou tomados de algum sentimento romântico de “vamos mudar o mundo!”. A questão está justamente em não crer em um futuro cândido e parnasiano, muito menos quando este é prometido pelos deuses do Vale do Silício através do desenvolvimento e venda (sim, venda, pois não há essa história de “baixei de graça”) de aparelhos tecnológicos de ponta.

E no caso do protesto vinculado ao modelo de rompimento com alguns padrões do jornalismo tradicional, vemos a apropriação criativa dos aparatos tecnológicos por parte da denominada mídia alternativa para executar sua técnica agregando outras linguagens, dinamismo e transcendendo as imposições do gatekeeper das grandes redações com direção verticalizada. Evidentemente, essa liberdade ocorre dentro dos limites estabelecidos pelo próprio sistema (lembramos sempre que o Facebook é uma empresa e muito bem cotada no mercado de ações), mas é justamente essa adequação que alguns veículos alternativos buscam para tentar fazer o divergente. Regressando ao Mídia Ninja, a pesquisadora Maria Claro Aquino Bittencourt enfatiza que:

passados os momentos mais significativos das jornadas de junho, o coletivo permanece produzindo e publicando conteúdo de forma colaborativa, abrangendo não apenas protestos de rua, mas também a cobertura de eventos e temas relacionados às causas diversas que compõem a agenda de manifestações pelo país. Entre as coberturas realizadas pelo Mídia Ninja está a da desocupação de imóveis que aconteceu entre os dias 7 e 9 de janeiro de 2014, na Favela do Metrô, na Mangueira, no Rio de Janeiro (BITTENCOURT, 2014, p 86).

Aprimorando a relação com a tecnologia digital grupos e indivíduos que desempenham funções semelhantes ao Mídia Ninja encontram formas de existir, se auto-divulgando e divulgando terceiros nem sempre bem presenteados pelo destino e com dificuldades de diversas naturezas para fazerem suas opiniões serem expressadas nos mais diversos meios.

3.3 .Mídia Ninja X G1

Resumidamente, para teor didático, elaboramos a tabela abaixo que possivelmente ilustra adequadamente a postura dos dois processos de comunicação observados durante a pesquisa:

	G1	MÍDIA NINJA
APARATOS TECNOLÓGICOS	SIM	SIM
UTILIZAÇÃO DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS	SIM	SIM
COBERTURA NA “LINHA DE FOGO”	½	SIM
COBERTURA DISTANCIADA	SIM	NÃO
PRÓ-POLÍCIA	“NEUTRO”	NÃO
PRÓ-MANIFESTANTES	“NEUTRO”	SIM
JORNALISMO ERA INDUSTRIAL	NÃO	SIM
TEXTO PADRÃO / MANUAL DE REDAÇÃO	SIM	NÃO
REPERCUSSÃO	SIM	SIM
RELAÇÃO FUNCIONAL	SIM	NÃO

A diferente abordagem jornalística contribuiu inclusive com a credibilidade do Mídia Ninja. Não nos referimos ao termo credibilidade fazendo juízo de valor, afinal a reportagem não é exatamente cópia fiel da realidade independentemente do veículo ou personagem responsável por ela. O que se deseja ilustrar é a visível habilidade em confrontar fatos, abrindo para divergentes formas de análise na expectativa de se chegar a uma conclusão. A Teoria do Espelho, do filósofo positivista Augusto Comte (1798-1857), cai por terra na prática. O método dialético, no qual tese e antítese entram constantemente em choque e tendem a resultar uma síntese – resumindo brevemente Hegel (1770-1831) e Marx (1818-1883) – talvez se aplique como teoria mais adequada para uma epistemologia do jornalismo e dos meios de comunicação.

No contexto observado das manifestações de 2013 o próprio G1 (e outros jornais tradicionais de referência no Brasil) se pautou e buscou informações na própria mídia divergente em determinados momentos. E em grande parte tudo isso se deu pela ampla divulgação e espaço conquistado pelo Mídia Ninja e demais grupos com propósitos semelhantes no Facebook e demais redes sociais digitais. O processo anarquizado, em certa medida, incomodou o poder político que de forma esquizofrênica buscava inimigos, opositores, lideranças rivais e demais elementos para jogar a culpa ou apontar o dedo como forma de contra-ataque. Conforme análise do jornalista e professor da PUC-SP Leonardo Sakamoto:

Os políticos tradicionais têm dificuldades em assimilar de que forma os movimentos se utilizam de ferramentas como o Twitter e o Facebook. Acreditam que essas redes funcionem apenas como um espaço para marketing pessoal ou, no máximo, um canal para fluir informação e atingir o eleitor. Há também os que creem que redes sociais funcionam como entidades em si e não como plataformas de construção política, onde vozes dissonantes ganham escala, pois não são mediadas pelos veículos tradicionais de comunicação – ou seja, onde você encontra o que não é visto em outros lugares, por exemplo (SAKAMOTO, 2013, p. 95).

E é justamente com essa nova linguagem que os movimentos populares (em especial os de jovens, genericamente falando) poderiam dar sequência ao aprendizado, confronto e transcendência daquilo que está pré-estabelecido, está no *establishment* do sistema e a ideologia dominante nos tenta fazer crer que não há possibilidades de mudança. Sakamoto novamente nos traz à realidade afirmando que:

apesar de as manifestações terem uma clara origem de esquerda, nem todos os que foram às ruas eram exatamente progressistas. Aliás, vale lembrar que o Brasil é bem conservador – da “elite branca” paulistana à chamada “nova classe média” que ascendeu socialmente, tendo como referências símbolos de consumo (e a ausência deles como depressão). Trata-se de uma população com 93% a favor da redução da maioria penal. Que acha que a mulher não é dona de seu corpo. Que é contra o casamento gay. Que tem nojo dos imigrantes pobres da América do Sul. Que apoia o genocídio de jovens negros e pobres nas periferias das grandes cidades. Enfim, não é porque centenas de milhares foram às ruas por uma pauta justa que essa realidade mudou (SAKAMOTO, 2013, p. 97).

Por isso a necessidade de ampliarmos os debates, atentos e preocupados com a democracia, a igualdade jurídica e os direitos humanos. Encontrar as brechas do sistema capitalista, uma ditadura sutil, segundo o Papa Francisco, para justamente se contrapor ao seu autoritarismo e contradições. E parece visível o papel que as redes sociais da internet podem desempenhar de forma favorável a este processo. Rede social é “um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós de uma rede) e suas conexões (interações ou laços sociais)” (RECUERO, 2009, p. 24). Para a semioticista Lucia Santaella:

rede é compreendida como “metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores”. Redes sociais na Web, por sua vez, são plataformas, ferramentas ou programas (softwares), enfim, são sistemas criados especificamente com a finalidade precípua de incrementar relacionamentos humanos, dando-lhes visibilidade. Por isso mesmo são comumente chamados de sites de relacionamentos, nos quais borbulham comportamentos coletivos descentralizados. O número e a popularidade dessas redes crescem exponencialmente. As mais populares são: fotologs (Flickr e Fotolog), ferramentas de micromessaging (Twitter e Plurk) e sistemas como o Orkut e o Facebook (SANTAELLA, 2012, P. 37).

O ponto provavelmente mais satisfatório nesse percurso histórico é a superação (evidentemente em termos e observando as limitações e barreiras sociogeográficas de cada região) da cultura de massa. Superação não querendo indicar um fim ou derrota desta última para a cultura das mídias, mas observar a confluência entre elas e os momentos quando a utilização dos recursos tecnológicos digitais pode contribuir para instantes de erguimento das barricadas e avanços tendencialmente contra hegemônicos. Lucia Santaella define que

contrariamente à cultura de massas, que é essencialmente produzida por e consumida por uma massa que não tem poder para interferir nos produtos simbólicos que consome, a cultura das mídias inaugurava uma dinâmica que, tecendo-se e se alastrando nas relações das mídias entre si, começava a possibilitar aos seus consumidores a escolha entre produtos simbólicos alternativos (SANTAELLA, 2003 *apud* CHIACHIRI, 2012, p.21).

E evidentemente não cabe estacionar nesse ponto. Pode-se incluir no processo contra hegemônico a necessidade de buscarmos uma Ecologia da Comunicação, conceito defendido pelo comunicólogo Vicente Romano. Tal pensamento será melhor trabalhado em seguida. Retornando ao pensamento da professora Santaella:

A comunicação é inevitável porque, mesmo quando não queremos, estamos o tempo todo emitindo mensagens para o outro. Ela é irreversível porque não podemos voltar atrás naquilo que já foi comunicado. Por fim, a comunicação é irrepitível porque todos e tudo estão continuamente mudando. Em razão disso, mesmo quando lemos o mesmo livro, ou assistimos a um mesmo filme pela segunda ou quarta vez, esse filme não será para nós o mesmo filme (SANTAELLA, 2001, p. 22).

A comunicação não começa no emissor e não termina no receptor, mas está englobada em uma teia de relações semelhante ao ecossistema ambiental das florestas e, como tal, também pode sofrer seus desequilíbrios.

4. Vilém Flusser e um estudo das Manifestações de 2013

As manifestações realizadas em junho de 2013 foram amplamente marcadas pela presença física e virtual dos seus diversos personagens, fenômeno que chamou a atenção de diversos pesquisadores e estudiosos, principalmente no campo da comunicação. Coube buscar entender, além das questões políticas, sociais e econômicas expostas pela “voz das ruas”, fenômenos para além. A antropologia e a comunicação podem servir de base para interpretarmos melhor a realidade apresentada e como as interações humanas ocorreram durante este período.

Diria o jornalista alemão Harry Pross que “corpo necessita de corpo” e essa interação permitiu a alavancada das manifestações tal quais ocorreram em 2013. E ocorreram pela presença de corpos em protesto ocupando as ruas de diversas cidades brasileiras. Mas houve também a manifestação online, aquela mediada pelas conexões às diversas redes sociais nos mais requisitados aparelhos do mercado (smartphones, tablets, iPhones...) e as mídias mais tradicionais, vide o papel também desempenhado por jornais, televisões e rádios.

Nessa ação humana feita por outros mecanismos para além do corpo cabe observarmos o que o filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser chamaria de Escalada da Abstração. Esse pensamento muito se faz valer nos dias de hoje, mesmo sendo anteriores aos anos de 1990. Nos próximos parágrafos abordaremos a noção de Escalada da Abstração.

4.1 Redes sociais

O Homem aprendeu a sobreviver no mundo e contar com a ajuda de outros homens para construir e habitar as diversas sociedades como conhecemos na atualidade. Sua capacidade intelectual gerou oportunidades de aprimorar a comunicação, antes reduzida por falas e gestos, em um universo semiótico de capacidades colossais sejam em quantidade ou distância para possibilitar uma comunicação efetiva.

Seus aparatos tecnológicos conseguiram conversar com centenas, milhares, milhões e hoje já podemos considerar bilhões de seres humanos dentre os 7 bilhões existentes. Partes dessas modificações comunicacionais foram capacitadas pelo surgimento da internet (a rede mundial) e invenção, nas últimas décadas, de redes sociais digitais – observemos, atualmente, o caso do Facebook de Mark Zuckerberg – integrando grande parcela da população mundial, ainda que nem todos, evidentemente, por não possuírem ou dominarem o aparato seja por vias materiais ou simbólicas.

A interatividade humana permitiu ao homem desenvolver ferramentas para aprimorá-las e vice-versa. Vilém Flusser vê com notória curiosidade de um experimentador o desenvolvimento destas ferramentas, além de fazer interessantes projeções para o futuro, vide o seu Elogio à Superficialidade.

Pelo fato de Flusser se referir às relações entre pessoas e/ou coisas, percebemos que sua metodologia é marcada por perguntas, pela observação atenta dos fenômenos e, especialmente, pela coragem de duvidar (MENEZES, 2009 p.169).

Flusser pondera um mundo de seres amplamente conectados e capazes de solucionar os problemas comunitários exatamente pela cada vez maior capacidade de interação com a tecnologia e a democratização dos aparatos e da técnica. E este homem se encontra em um mundo que pode ser observado em perspectiva fenomenológica:

As coisas representavam algo, eram símbolos de algo, e era possível adorar esse algo atrás das coisas. Os instrumentos representam, no melhor dos casos, o trabalho manipulador da existência humana, e a única coisa que é possível adorar nos instrumentos é o trabalho humano atrás deles.

[...]. Dada essa nossa situação, compreendem-se as tentativas de uma reconquista do espanto, que são, no fundo, tentativas de dar significação à existência humana pela procura deliberada de uma segunda ingenuidade.

É deste ângulo que devemos interpretar a fenomenologia husserliana, que é um método de deixar a coisa ser coisa. Pela redução eidética, isto é, pela supressão de todos os conhecimentos a respeito da coisa, procura Husserl redescobrir a coisa, o eidos da coisa, o espanto da coisa. [...].

Enquanto esse espanto da filosofia persistir, não há motivo para matar-se (FLUSSER, 2002 P. 96).

E nem pretendemos matar-nos. Um objetivo mais interessante seria justamente extrapolar os limites físicos e intelectuais para um, quem sabe, melhor aproveitamento e usufruto da técnica e da tecnologia. Os próximos parágrafos pretendem exemplificar um pouco esta questão.

4.2 Escalada da Abstração

Para compreender o uso da teoria flusseriana na forma como as manifestações ocorreram no Brasil podemos partir primeiramente por uma interpretação mais cotidiana e não menos importante de como o filósofo observava este fenômeno de redução,

subtração ou abstração na história Ocidental. Não que fosse algo negativo ou positivo em si, há, no entanto, formas de olharmos para o fenômeno. É evidente que interpretações particulares são perfeitamente cabíveis, mas por hora será essencial compreendermos seu funcionamento.

Vilém Flusser entende que existem 4 formas de comunicação que podemos entender como formas de projeção do corpo em escala. Essas quatro dimensões seriam a escala tridimensional, ou a primeira do ser humano, na qual nos encontramos conforme nós nos percebemos no campo-espaco. É a escala da corporização, onde os elementos representados possuem medidas denominadas matematicamente por altura, comprimento e largura. Por questão de exemplo, imaginemos o corpo humano.

Este corpo, no entanto, pode ser representado através de imagens, figuras, retratos e, embora tenham a tendência de ser uma réplica do nosso personagem em questão, não o são fidedignamente por terem perdido algumas particularidades cabíveis apenas ao campo tridimensional. Essa nova escala atende pela denominação de bidimensional. Aqui encontramos as figuras, as fotografias, os quadros e retratos palpáveis, físicos, mas que são apenas representações do corpo em duas dimensões.

Em paralelo, este corpo tridimensional que pode ser representado por imagem bidimensional possui mais formas de definição. Com o advento da escrita o objeto pode ter seu nome e suas características grafadas, caligrafadas em papel, documento, folhas avulsas e afins. Estamos lidando, então, com a escala unidimensional e nesta o objeto não é mais ele em si e também não é sua representação imagética, mas uma grafia correspondente para fazer valer a comunicação com relação àquilo do qual estamos falando. É o campo-espaco da linha, do plano, do não edificável.

Por último, com contribuição expressiva da tecnologia dos eletroeletrônicos, caminhamos para o espaco da representação nulodimensional. Esta forma de comunicação abrange as demais em um campo-espaco indefinido, onde as dimensões conforme conhecemos se perdem. É a representação por meio do universo digital, dos pixels, dos mosaicos imperceptíveis ao olho nu nas telas, mas com poderosa capacidade de transpor o objeto e representa-lo para outros públicos.

Flusser percorre a evolução dos meios de comunicação do homem pontuando que nas remotas origens a espécie humana – como outras espécies animais – se comunicava com o corpo, seus gestos, seus sons, seus odores, seus movimentos. Tratava-se de uma comunicação tridimensional.

Quando o homem começou a utilizar objetos como suportes, sobre os quais deixava sinais, nasceu o mundo das imagens, da comunicação bidimensional. Algumas imagens se transformaram em pictogramas e depois em ideogramas e depois em letras, inaugurando o mundo da escrita, da comunicação unidimensional, do traço e da linha. E finalmente, com o desenvolvimento das tecnoimagens, alcançamos o mundo da comunicação nulodimensional, uma vez que as imagens técnicas, produzidas por aparelhos, nada mais são que uma fórmula abstrata, um algoritmo, um número. O parágrafo dá uma sensação de que algo desagradável acontecerá em breve, mas Norval Baitello busca explicar melhor tais observações de Vilém Flusser:

Flusser não se demonstra pessimista com a metamorfose adquirida pela comunicação ao longo das eras, pelo contrário, é assíduo pesquisador e curioso das inovações e contribuições das quais a humanidade poderia usufruir com as novas tecnologias comunicacionais, por isso entendemos que a análise flusseriana do espaço está presente quando falamos de processos comunicativos, quando falamos de vínculos. Os vínculos são formas de aproximação espacial, são formas de aproximação entre os corpos. Os vínculos permitem a comunicação ou, até podemos dizer, são “comunicação” no sentido que permitem a constituição das sociedades. Uma constituição que se dá na medida em que cruzar espaços significa gastar tempo (BAITELLO JR. 2003 p. 81).

Resgatamos aqui um dos pontos defendidos ao longo da pesquisa. Não é travar uma guerra entre fanáticos e avessos ao desenvolvimento tecnológico a saída buscada por Flusser, mas a capacidade do ser humano estar cada vez mais inteirado das suas capacidades e buscar fugir do código verticalizado e limitador. Em outras palavras: anarquia.

4.3 As manifestações na perspectiva da Escalada da Abstração

O Rebelde Desconhecido é uma das pessoas mais influentes do século XX. A imagem de seu protesto silencioso e solitário, pelas câmeras do fotógrafo Jeff Widener, da Associated Press, ganhou os principais jornais do mundo.

Uma imagem marcante para muitos nos anos de 1980 quando um jovem chinês desafiou uma fileira composta por quatro tanques de guerra em direção aos estudantes que protestavam contra o governo totalitário chinês. Pouco se sabia e sabe-se até hoje sobre o rapaz, apenas se recordam da desistência dos tanques em passar por cima da

multidão. A prisão, julgamento e execução do jovem entrou para os misteriosos arquivos secretos zelados por todo governo antidemocrático.

A famosa cena de manifestação percorreu o mundo por causa das diversas mídias capazes de divulgá-la para o resto do globo. A ação foi comunicada tridimensionalmente, pela atitude do jovem em impor o corpo material, porém frágil, diante de quatro pesados tanques com considerável poder de fogo e espessura. Bidimensionalmente pelas fotografias e vídeos responsáveis pela imortalização do momento histórico. Unidimensionalmente pelos relatos dos jornalistas e demais personagens daquela fatídica luta política, em jornais, revistas, cartas e livros. E hoje, em 2014, podendo todo esse material ser acessado pelo computador, visto a partir de diversos aparatos tecnológicos e compartilhado (retransmitido) para outras partes do mundo. Nesta última forma de comunicar está presente o universo do nulodimensional.

Assim como nas manifestações chinesas exemplificadas acima podemos ver o mesmo fenômeno no nosso objeto, temporalmente mais recente e simbólico para nós: as manifestações de junho de 2013. Caberá traçarmos um caminho de raciocínio sem nos preocuparmos com lógicas cartesianas. A observação do fenômeno se fará clara com o seu próprio caminhar.

Nulodimensional

Quando os protestos tiveram seu início marcados por reuniões de grupos participantes em espaços físicos e redes sociais ainda eram as cenas habituais de outrora, com uma série de passeatas e vozes contrárias ao aumento da passagem do transporte público. Veio a repressão policial, característica do Estado brasileiro, e ao envolver jornalistas após uma dosagem extra de violência acabaram marcando o início das passeatas com centenas de milhares de pessoas em proporção nacional.

Foi significativo o papel dos manifestantes ao utilizarem a plataforma Facebook na divulgação daquilo que ocorria nas ruas mostrando suas versões do fato em contraponto ao enunciado pela polícia militar, governos municipais, estaduais, União e jornais considerados “conservadores”. Acompanhar esses ocorridos provocou revolta em parcela considerável da população, em especial em setores das classes A, B e C (aqui nos baseamos na classificação utilizada pelo IBGE), principais protagonistas das ocupações de ruas ocorridas em junho de 2013.

A comunicação nulodimensional exerceu grande influência para o êxito dos protestos pela sua capacidade de facilitar a interação entre os agentes e possibilitar a comunicação de maneira mais dinâmica. Principalmente pelo Facebook, manifestantes divulgavam as futuras manifestações, datas, horários, além de ganharem mais espaço na rede chamando a atenção daquele usuário pouco ou nada acostumado em participar desse tipo de evento. O resultado foi a adesão significativa em números, impossíveis de serem menosprezados inclusive pelos órgãos contrários ao levante popular.

Unidimensional

Sua presença mais significativa pode ser destacada nas reportagens diárias impressas sobre o que estava ocorrendo no país e os possíveis resultados das mobilizações. Os textos expressaram opiniões, relatos, frases de efeito e livros para reunir o debate travado por intelectuais que acompanhavam de perto (ou não) as lutas travadas no espaço público.

Bidimensional

Essa forma de comunicação permitiu a integração de diversos grupos. Ao ver a multidão nas fotografias estampadas pelos jornais, o cidadão comum lembrou-se da sua condição de cidadão e se enxergou como parte daquele jogo. Queria fazer parte daquele momento histórico do seu país e guardar os registros obtidos pela participação ativa.

A imagem consolidou um apelo usado pelos vários lados da história para compor suas versões. Seria o caso da polícia buscar, repreender e incriminar manifestantes alegando práticas de vandalismo (deveras comuns nas manifestações de junho, em especial por apoiadores da tática Black Bloc) e o caso dos próprios manifestantes em desmentir governos, imprensa e apelar para a justiça contra abusos de autoridade.

Outro cenário, este com certa dose de comicidade, foram os manifestantes – se assim cabe chamá-los – pouco preocupados com os motivos pelos quais milhares estavam nas ruas ou o cenário político-econômico-social do país. Interessavam-lhes registrar o momento em suas câmeras e celulares, uma forma de avisar aos amigos conectados nas redes sociais “oi, estou aqui”, “cara, foi muito bom”, “#vemprarua” e demais falas para se fazerem presentes nas próprias postagens.

Tridimensional

Destaque especial para a comunicação tridimensional nas manifestações de junho de 2013. Aqui se apresenta a comunicação a priori, em sua forma de se expressar através do corpo. O corpo, um fenômeno material e cultural, se desloca, se desdobra e preenche espaço na rua buscando se incluir com outros corpos. Ocorre uma rede, antes manifestada pela internet com todas as possibilidades oferecidas pelas redes sociais no nulodimensional, mas agora incorporada nas ruas associando grupos diante de causas, mesmo que indefinidas, mas que chamam para compor a “massa”.

A rede social dos protestos agora ocupa o espaço tridimensional gerando todas as consequências possíveis do fenômeno. E esta ação provoca reação também tridimensional, visível com a repressão – negativa do ponto de vista dos manifestantes – e a posição do governo em (alguns importantes casos) abdicar da decisão de aumentar a tarifa do transporte público – positivo do ponto de vista dos manifestantes – pivô da crise político-social desse período.

As manifestações permitiram observar um movimento de vai e vem da Escalada da Abstração proposta por Vilém Flusser demonstrando novas formas de enxergarmos os fenômenos sociais da comunicação e apostar em uma maior interatividade. Norval Baitello Jr. diria estarmos diante de um processo de caminhar para frente e para trás, transitando entre a comunicação tridimensional e a nulodimensional, segundo a forma como o próprio Flusser explicava sua concepção de Escalada da Abstração.

4.4 Algo está mudando

Comparando o período de produção intelectual de Flusser com o período de mudanças no qual viveu Platão, observamos que o autor descreveu um cenário das transformações que experimentamos. Não pretendeu catalogar todos os processos comunicativos, mas apenas nos convidar a pensar a respeito do que ganhamos e do que perdemos no trânsito entre os diferentes processos de abstração. Nas palavras do professor e pesquisador da comunicação José Eugenio Menezes:

Essa possibilidade de trânsito, já que não podemos mais viver apenas na comunicação tridimensional e não podemos nos

satisfazer apenas com a nulodimensional, retiramos de uma conferência performática na qual, conforme testemunho de Dietmar Kamper, o próprio Flusser expôs propositalmente com o seu corpo os quatro passos no caminho da abstração. Segundo Kamper, conforme tradução de Norval Baitello Jr., “ele [Flusser] caminhou para trás, falando e gesticulando sobre o palco do auditório, até bater com as costas na lousa. Depois veio de novo para frente do palco e lecionou sobre a tecnoimaginação e as imagens sintéticas” (MENEZES, 2009 p. 179).

Vilém Flusser e sua obra ainda guardam perguntas provocativas sobre comunicação e indaga sobre um período de transição que talvez estejamos ainda passando. Mas não estamos sendo contemporâneos o bastante como Flusser foi. O contemporâneo, teorizado pelo filósofo italiano Giorgio Agambén, faz referência ao ser que vive sua época, absorvendo e divagando sobre as diversas questões dadas e buscando formular outras novas, tendo uma espécie de “visão de futuro”. Flusser é contemporâneo. E conforme José Eugenio Menezes:

O contato com as obras de Flusser e com seus leitores brasileiros revela uma postura dialógica fundamental, uma concepção de filosofia que supõe um “engajar-se contra a ideologização e em favor da dúvida diante do mundo, que, de fato, é complexo e não-simplificável” (MENEZES, 2009 p. 171).

As manifestações conseguem representar esse pensamento permitindo enxergarmos a Escalada da Abstração nos processos comunicacionais dos agentes envolvidos. Os corpos geraram vínculos e as redes sociais foram tecidas desde o espaço nulodimensional até o espaço tridimensional e o inverso também foi viável. Essas redes tecidas dão forma a uma colônia de seres vivos vinculados, como em uma floresta ou um recife marinho. Paralelo a esta comparação com a natureza, podemos conceber uma Ecologia da Comunicação em desenvolvimento. E será vital compreender essa Ecologia da Comunicação no nosso meio ambiente:

A solidão na massa é consequência da dificuldade crescente para entrarmos em comunicação dialógica uns com os outros. Sob o bombardeio cotidiano pelos discursos extremamente bem distribuídos dispomos, todos, das mesmas informações, e todo intercâmbio dialógico de tais informações está se tornando redundante. A nossa sensação de solidão se deve a nossa incapacidade crescente de elaborarmos informações novas em diálogo com os outros. Sob o domínio dos discursos o tecido

social do Ocidente vai se decompondo. Urge, pois analisar tais discursos (FLUSSER, 1983 p. 59).

A noção da Ecologia da Comunicação (conceito desenvolvida por Vicente Romano, como já enfatizamos) não pretende menosprezar ou abalar conceitos sobre a utilização dos recursos telecomunicacionais digitais. O interesse está mais voltado em buscarmos novas interatividades e resgatarmos a comunicação primária, as linguagens do corpo, o toque e a presença física. Estaríamos abertos a adquirir novas experiências e habilidades, porém preservando costumes e instintos benéficos à espécie humana. Tal simbiose entre digital e concreto seria importante passo para a Ecologia da Comunicação.

O ambiente digital, aliado ao ambiente físico, deu outro caráter para a ação de manifestar. Governos e demais instituições precisam se preparar para o que está por vir. Sindicatos, associações, corpo estudantil, proletariado deverão se atualizar sobre as mudanças proporcionadas pela interatividade nulodimensional. Não cabe fazer afirmações arriscadas do que será no futuro, mas podemos crer, com alguma segurança, nas modificações necessárias na forma de nos comunicarmos em paralelo com o que pretendemos para nossas vidas.

Considerações finais

Fica para nós a possibilidade de pensarmos nas redes sociais conectadas mais em voga atualmente como mídias que estão, sim, a favor do macrossistema capitalista e foram desenvolvidas por este. Porém é possível se utilizar das brechas e espaços de permeabilidade do próprio sistema para compartilhar ideias e praticar ações normalmente divergentes do pensamento hegemônico e com potencial de gerar mudanças a longo prazo. O caminho buscado tentou traçar uma rota sem esbarrar nos conceitos tecnofóbicos e tecnoeufóricos, procurando observar as benéficas e limitações de cada um. Norval Baitello acredita que

dizer que a mídia terciária somente afasta as pessoas de seu convívio direto, pode ser uma verdade relativa. As manifestações de protestos dos últimos tempos, tão inesperadas quanto vigorosas, demonstram que o efeito “sedação” das redes sociais ou seu efeito “máscara”, de identidades anônimas e fictícias, pode se reverter e gerar grandes ondas de mobilizações presenciais, com sensorialidades reais, passíveis de reais fermentos e prisões, como nos tempos dos piores anos de chumbo. A comunicação de distância pode sim gerar comunicação de proximidade. Mas isto não nos isenta, como pesquisadores e como participantes da proposta de constituição dos estatutos de uma jovem ciência, da responsabilidade diante dos riscos e danos que as novas práticas da comunicação social podem causar. Não nos isenta da responsabilidade de investigar que tipos de ambientes estão sendo gerados pelos meios de comunicação, oferecidos pelos novos produtos no mercado (BAITELLO, 2013, p. 65)

Há devida concordância com o professor Baitello, e por isso mesmo sentiu-se a necessidade de trazer o tema e debater-lo no meio acadêmico, assim como tantos outros – inclusive os demais nomes que aparecem ao longo desta pesquisa – tiveram a mesma percepção e interesse em fazê-lo dentro de suas determinadas áreas de concentração e estudo.

A pesquisa atendeu em grande parcela os pressupostos (hipótese) demonstrando relevância da utilização das redes digitais conectadas no conturbado processo comunicacional do período de manifestações populares no mês de junho de 2013 em quase todo o Brasil. Os movimentos sociais, coletivos libertários e organizações populares conseguiram se valer das ferramentas para esboçar seu ponto de vista, conseguir alguma aderência de manifestantes e contrapuser informações com relação aos noticiários dos jornais vinculados a grande mídia tradicional, ou velha mídia, segundo Venício Lima. Tenhamos sido equivocados, talvez, em considerar que esta velha mídia tenha perdido espaço para os meios de comunicação alternativos. Não foi

exatamente o que ocorreu, afinal, novamente trazendo a ideia de Venício Lima, consegue aparecer e falar massivamente quem domina o aparato de comunicação televisivo e estes, por sua vez também contam com seu meio de comunicação digital.

O próprio portal da web vinculado ao Sistema Globo, o G1, fora diversas vezes acessado e utilizado como referência inclusive para acompanhar e entender o desenrolar das várias manifestações daquele período. Não poderia ser afirmado, portanto, que esta mídia tradicional tenha perdido espaço para o Facebook, entre outras. O que se viu, porém, foi a influência da mídia alternativa na cobertura jornalística dos grandes portais e veículos de imprensa.

Nossos objetivos também puderam ser traçados, com alguns escanteios normais ao longo do processo, mas que de certa forma contribuíram para o amadurecimento das ideias e a dinâmica para trabalhar os conceitos teóricos, o levantamento de dados e referências ao longo da dissertação. É provável que observemos novamente fenômenos como os ocorridos em junho de 2013 e com tal grandeza de repercussão. O Brasil, apesar das mudanças e conquistas sociais consideráveis para o desenvolvimento de parcela considerável da população, ainda é um país de contrastes com um lamentável índice de desigualdade, preconceito e corrupção tanto nos órgãos públicos quanto nos ambientes privados. Constantemente ocorrem manifestações em vários cantos, muitas de grande porte, mas todas ensejando alguma forma de mudança sejam quais forem os entendimentos dos diversos grupos com relação ao que deveria mudar.

E tais entendimentos embarcam num navio perdido no oceano, pois, segundo o ex-governador cearense Ciro Gomes, o problema não está no fato de que há uma classe política deturpando nosso projeto de país, mas sim o fato de não haver esse tal projeto. Este fator acaba possibilitando justamente as balbúrdias institucionais normalmente prejudiciais para expressiva parcela da população (Carta Capital, 2015).

Há a necessidade em destacarmos a relevância da pesquisa devido a sua pluralidade de assuntos e recortes temáticos que foram uma das dificuldades encontradas no meio do caminho. De fato, o universo de abordagens permitiu a execução desta e de tantas outras pesquisas. Aguardamos que futuramente possa ser combustível para tantas outras. A banca avaliadora comentou diversas vezes a presença de temas, dentro de apenas uma dissertação, que poderiam render outros 3 ou 4 mestrados dependendo da ótica empregada. E, por que não, pontapés para um doutorado?

Nossa expectativa é justamente produzir conhecimento para diversificá-lo e contribuir com a pluralidade de ideias na sociedade que, mediante confronto dialético, possam sintetizar um projeto de país para alcançarmos melhores padrões de direitos sociais e democracia, garantindo maior acesso aos meios de comunicação e tecnologias que permitam a emancipação da sociedade e melhores formas de se contornar momentos de crise. Vale deixar lembrado:

nenhum trabalho é conclusivo, isto não é novidade. Mas não custa sempre lembrar que o papel do investigador é aquele de constante inquietação, porém uma inquietação que possa levá-lo a descobertas, constatações ou até mesmo desapontamentos. Sua contribuição é aquela de instigar a dúvida na busca constante, e não finita, por esclarecê-la. O importante é nunca deixar de tentar e lutar, eticamente, por ideias que possam conduzir ao crescimento do saber e da razoabilidade. Fazer ciência é construir cultura (CHIACHIRI, 2012, p. 26).

E é justamente esse pensamento, elaborado pelo professor Antônio Chiachiri, que provavelmente mais se adequa ao momento histórico e pode ressaltar o importante papel da universidade para a construção de conhecimento na sociedade.

Destacamos a importância de cada colaborador no desenvolvimento da pesquisa que gerou esta dissertação, não só do ponto de vista teórico e acadêmico, mas as conversas com amigos, parentes, professores e “público leigo” no assunto, assim como entrevistas, programas de televisão, internet e matérias em jornais e revistas, cuja observação empírica despertou a curiosidade inicial necessária para elaborar tais questionamentos, compreender o fenômeno momentâneo e possibilitar, enfim, o caminho acadêmico que melhor nos possibilitou chegarmos a reflexões mais sólidas sobre o assunto.

A apropriação criativa dos meios de comunicação demonstra-se eficaz para extrapolar as barreiras socialmente e legalmente impostas pelo sistema como forma de se auto-regulamentar e preservar as contradições da sua própria existência. Não há uma perspectiva de que apenas outras formas de controle permitirão alguma mudança ou um processo revolucionário, mas tal democratização como observada na apropriação do Facebook pelo coletivo Mídia Ninja, permitiu um discurso diferente do aplicado pelo G1, possibilitando até hoje para quem ainda acompanha outras formas de ler jornal, se inteirar dos fatos e analisar outras perspectivas, mesmo que também viciada e tendenciosa em alguns momentos.

O julgamento caberá ao usuário de tal meio de comunicação. Suas conclusões estarão a par das perspectivas empregadas na forma dos veículos de mídia (hegemônica ou alternativa) abordarem os fatos. A intenção é justamente possibilitar as diversas fontes de chegarem até esse usuário para não haver o engessamento de ideias, principalmente ideias conservadoras ou de caráter autoritário, que ajam como força retrógrada ao processo de democratização e desenvolvimento ético do ser humano.

Referências

AGAMBEN, G. **O Que é o Contemporâneo e Outros Ensaios**. Santa Catarina: Argos, 2009.

ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AQUINO BITTENCOURT, M.C. “A midiaticização do ativismo nas coberturas do G1 e do Mídia Ninja”, in **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo: ESPM, 2014.

BAITELLO Jr., Norval. **O pensamento sentado. Sobre glúteos, cadeiras e imagens**. São Leopoldo: Unisinos, 2012.

BAITELLO Jr., Norval. Os sentidos e as redes. Considerações sobre a comunicação presencial na era telemática. In: BARBOSA, M.; MORAIS, O.J. (Orgs.). **Comunicação em tempo de redes sociais**. São Paulo: Intercom, 2013, p. 59-65.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. Porto Alegre: ZOUK, 2012.

CAZELOTO, E. “A velocidade necessária”, in FERRARI, Pollyana (Org.). **Hipertexto, hipermídia: as novas ferramentas da comunicação digital**. São Paulo: Contexto, 2007.

CAZELOTO, E. **Vínculos Abstratos: a Construção de um Imaginário Capitalista**. Artigo apresentado no XX encontro anual da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação de 2011.

CHIACHIRI, Roberto. "Cultura, comunicação e semiótica", in CHIACHIRI, Roberto. BUITONI, D. H. S. (Orgs.). **Comunicação, Cultura de Rede e Jornalismo**. São Paulo: Almedina, 2012.

CARTA CAPITAL. Palestra proferida por Ciro Gomes durante o evento Diálogos Capitais, São Paulo, 2015.

CONNECTBRAZIL. “Brasileiro supera media global em uso de redes sociais”. Disponível em: <<http://connectbrazil.blogspot.com.br/2012/09/brasileiro-supera-media-global-em-uso.html>> Visitado em 15 de julho de 2015

GENRO, Luciana. “O Brasil precisa de um novo junho de 2013”. Disponível em <<http://lucianagenro.com.br/2015/07/o-brasil-precisa-de-um-novo-junho-de-2013/>> Visitado em 2 de Agosto de 2015.

FLUSSER, V. **A história do Diabo**. São Paulo: Annablume, 2005.

FLUSSER, V. **O mundo codificado. Por uma filosofia do desing e da comunicação**. São Paulo: Cosac Naify, 2007b.

FLUSSER, V. **O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade**. São Paulo, Annablume, 2008.

FOLHA. “Grupo Mídia Ninja se projeta ao cobrir protestos ao vivo”. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/07/1317943grupomidianinjaseprojetaaocobrirprotestosaovivo.Shtml>> Visitado em 30 de junho de 2015.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Rio de Janeiro: Vozes, 1977.

G1. “A Mídia Ninja”. Disponível em: <<http://g1.globo.com/platb/yvonnemaggie/2013/07/18/amidianinja/>> Visitado em 30 de junho de 2015.

G1. “Cinco ficam presos após confronto com PM em manifestação em São Paulo”. Disponível em: <<http://g1.globo.com/saopaulo/noticia/2013/07/cincoficampresosaposconfrontocompmmmanifestacaoemp.html>> G1 (31 de julho de 2013)> Visitado em 6 de agosto de 2013.

G1. “Protestos pelo país têm 1,25 milhão de pessoas e uma morte em confrontos”. Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/protestospelopaistem125milhaodepessoasummortoeconfrontos.html%7Cdata=21>> 21 de junho de 2013> Visitado em 10 de abril de 2015.

G1. “Tropas da força nacional reforçarão segurança em quatro capitais”. Disponível em <<http://g1.globo.com/bomdiabrasil/noticia/2013/06/tropasdaforcanacionalreforcaraosegurancadequatrocapitais.html>> Visitado em 9 de Julho de 2013.

IBGE. “Lista de classes sociais IBGE”. Disponível em: <<http://www.datosmarketing.com.br/listas-detahes-classes-sociais.asp>> Visitado em 15 de agosto de 2015.

LEVINE, Rick; LOCKE, Christopher; SEARLS, Doc; WEINBERGER, David. **The Cluetrain Manifesto: the end of business as usual**. Cambridge: Perseus, 2000.

LIMA Jr., Walter T.; COELHO, Cláudio N. P. (Orgs.). **Comunicação: diálogos, processos e teorias**. São Paulo: Plêiade, 2010.

LIMA, Venício. “Mídia, rebeldia urbana e crise de representação”, in **Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARTINO, Luís Mauro Sá; MENEZES, J. E. O. Media Literacy: competências midiáticas para uma sociedade midiaticizada. **Líbero**. São Paulo, v.15, n. 29, jun. de 2012. p. 9-18.

- MARX, Karl. **Para a crítica da economia política**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.
- MENEZES, J. E. O. “Comunicação e cultura do ouvir”, in KÜNSCH, D.; BARROS, L. M. de (Orgs.). **Comunicação. Saber, arte ou ciência. Questões de teoria e epistemologia**. São Paulo: Plêiade, 2008.
- MENEZES, J. E. O. “Comunicação, Espaço e Tempo: Vilém Flusser e os Processos de Vinculação. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/151>> Acesso em 29 de jul. de 2014.
- MENEZES, J. E. O. Ecologia da comunicação: a cultura como um macrosistema comunicativo. In: CHIACHIRI F., A.R.; CAZELOTO, E.; MENEZES, J.E.O. (Orgs.). **Comunicação, tecnologia e cidadania**. São Paulo: Plêiade, 2013. Disponível em: <<http://casperlibero.edu.br/mestrado/livrosmestrado/>>. Acesso em: 10 fev. 2015.
- MENEZES, J. E.O.; MARTINEZ, Mônica. As narrativas da contemporaneidade a partir da relação entre a escalada da abstração de Vilém Flusser e as pinturas rupestres da Serra da Capivara. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, v. 11, n.º 2, 2009.
- MENEZES, J. E. O. **Rádio e cidade: vínculos sonoros**. São Paulo: Annablume, 2007.
- MIKLOS, Jorge. **Protesto: espaço da liberdade**. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S24.0877.pdf>. Acesso em 26 jan. 2014.
- Movimento Passe Livre. “Não começou em Salvador, não vai terminar em São Paulo”, in **Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- O GLOBO. “Apoio editorial ao golpe de 64 foi um erro”. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/brasil/apoio-editorial-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-9771604>> Visitado em 30 de junho de 2015.
- OPERA MUNDI. “Na Bolívia Papa chama capitalismo de ditadura sutil e pede perdão por crimes contra indígenas”. Disponível em: <<http://operamundi.uol.com.br/conteudo/noticias/40980/na+bolivia+papa+chama+capitalismo+de+ditadura+sutil+e+pede+perdao+por+crimes+contra+indigenas.shtml>> Visitado em 10 de agosto de 2015.
- PAÍS em protesto. **Folha de S. Paulo**, 18 jun.2013, p. C1.
- PRADO, Magaly. **Ciberativismo e noticiário: da mídia torpedista às redes sociais**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2015.
- PERUZZO, Cicília. **Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que “o gigante acordou”**. Artigo apresentado na Sessão de Abertura da IV Jornada Acadêmica Discente do PPGCOM-USP, Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, no dia 23 de agosto de 2013.

PROSS, H. **Sociedade do Protesto**. São Paulo: Annablume, 1997.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RODA VIVA. “Um dos objetivos é se tornar desnecessário”. Disponível em: <<http://tvcultura.cmais.com.br/rodaviva/roda-viva-recebe-idealizadores-do-grupo-midia-ninja>> Visitado em 10 de outubro de 2014.

ROLNIK, Raquel. “As vozes das ruas: as revoltas de junho e suas interpretações”, in **Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2013.

ROMANO, Vincente. **Ecología de la comunicación**. Hondarribia: Argitaletxe Hiru, 1998.

SAKAMOTO, Leonardo. “Em São Paulo, o Facebook e o Twitter foram às ruas”, in **Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2013.

SANTAELLA, Lucia. "A privacidade na era da comunicação digital", in CHIACHIRI, Roberto. BUITONI, D. H. S. (Orgs.). **Comunicação, Cultura de Rede e Jornalismo**. São Paulo: Almedina, 2012.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.

UOL. “Nunca houve socialismo na Alemanha, nem na URSS, diz jornalista que cobriu a queda do muro”. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/especiais/muro-berlim-20-anos/ultnot/2009/11/05/ult8884u9.jhtm>> Visitado em 15 de agosto de 2015.

VIANA, Silvia. “Será que formulamos mal a pergunta?”, in **Cidades Rebeldes: Passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2013.

WIKIPÉDIA. “Protestos no Brasil em 2013”. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Protestos_no_Brasil_em_2013> Visitado em 10 de fevereiro de 2015.

WIKIPÉDIA. “G1”. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/G1>> Visitado em 10 de fevereiro de 2015.

Anexos



O Globo e a *mea culpa*. Capa do portal on-line de 31/08/2013. Fonte: O Globo.



Infográficos do G1 sobre as manifestações de junho e julho de 2013. Fonte: G1.



Infográficos do G1 com acompanhamento das manifestações nas principais cidades brasileiras. Fonte: G1.



Manifestantes ocupam fachada do Congresso Nacional, em Brasília-DF. Fonte: Mídia Ninja.



Manifestação no dia 13 de junho de 2015, no Largo da Batata, São Paulo. Fonte: G1.



“Somos a Rede Social”, alusão ao Facebook nas manifestações e as manifestações no Facebook. Fonte: Mídia Ninja.

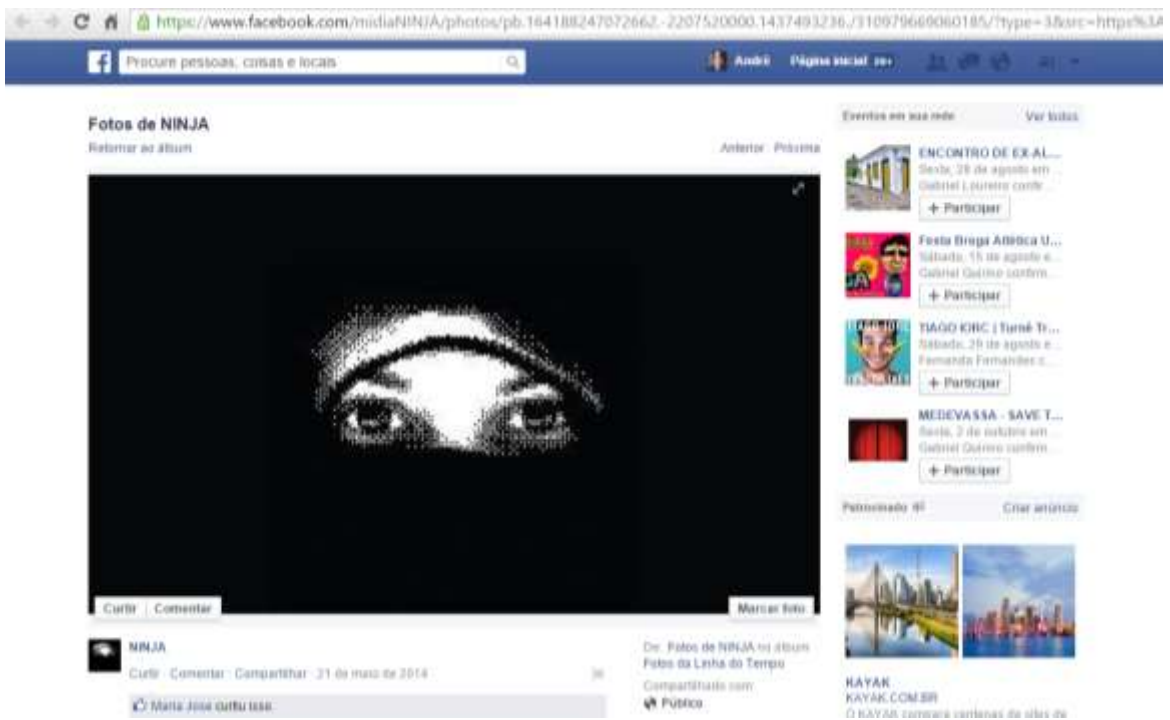


Foto de perfil (avatar) da página do Mídia Ninja no Facebook em 21/05/2014. Fonte: Facebook.



Página do Mídia Ninja no Facebook cobrindo os protestos de 2013. Fonte: Facebook.



Página do Mídia Ninja no Facebook. A imagem em questão mostra o programa de reprodução ao vivo dos vídeos gravados pelo coletivo. Fonte: Facebook.



Página do Mídia Ninja no Facebook em 6/06/2013. Fonte: Facebook.



Página do Mídia Ninja no Facebook em 12/06/2013. Fonte: Facebook.



Página do Facebook do Jornalistas Presos (paródia do grupo Jornalistas Livres) ironizando a relação de Pablo Capilé (Mídia Ninja) com o governo petista. Fonte: Facebook.



Cotação do Facebook na bolsa de valores nos últimos 5 anos. Fonte: Google.

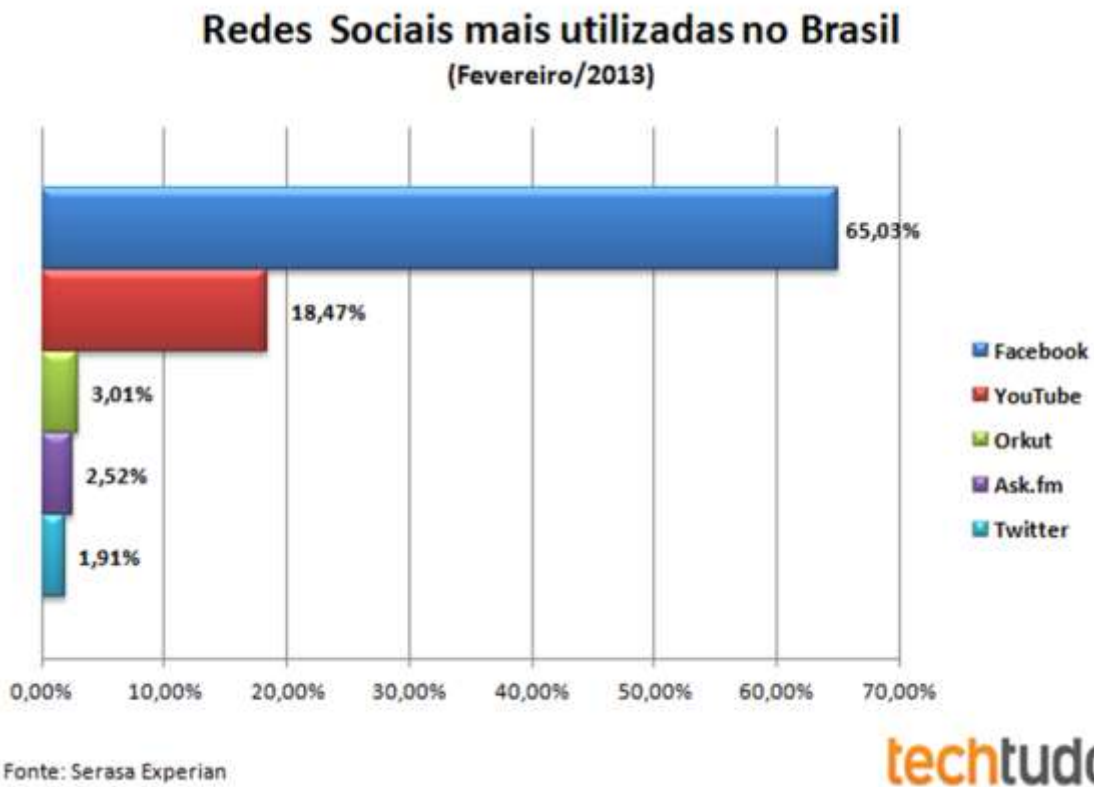


Gráfico apontando a grande interação entre internautas e rede social Facebook, segundo levantamento do Serasa Experian. Fonte: Techtudo.

Usuários do Facebook na América Latina por país, 2012-2017

Milhões e taxa média acumulada de crescimento (TMA)

	2012	2013	2014	2015	2016	2017	TMA
Brasil	43,3	61,2	70,5	74,8	81,6	86,2	14,7%
México	27,0	33,1	38,9	43,9	48,7	53,4	14,6%
Argentina	14,2	16,3	18,2	19,7	20,9	21,7	8,8%
Outros	56,6	68,5	79,8	93,5	103,1	112,0	14,6%
América Latina	141,1	179,0	207,4	232,0	254,3	273,3	14,1%

Nota: usuários da internet que acessam a sua conta no Facebook através de qualquer dispositivo pelo menos uma vez por mês; os números podem não somar perfeitamente o total devido ao arredondamento. Fonte: eMarketer, novembro de 2013

Usuários de Facebook na América Latina. Fonte: Folha de S. Paulo.

